



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DO ÍNTIMO AO PÚBLICO: O PAPEL DA AUTOBIOGRAFIA
NA (RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PRÍNCIPE HARRY**

ISADORA SOUTTO MAYOR DINIZ

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**DO ÍNTIMO AO PÚBLICO: O PAPEL DA AUTOBIOGRAFIA
NA (RE)CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PRÍNCIPE HARRY**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo

ISADORA SOUTTO MAYOR DINIZ
Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Cristiane Henriques Costa

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

D585d Diniz, Isadora Soutto Mayor
Do íntimo ao público: o papel da
autobiografia na (re)construção da imagem do
príncipe Harry / Isadora Soutto Mayor Diniz.--
Rio de Janeiro, 2024.
43 f.

Orientadora: Cristiane Henriques Costa.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola
de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2024.

1. autobiografia. 2. memória. 3. testemunho.
4. imagem. 5. príncipe Harry. I. Costa,
Cristiane Henriques, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho "**Do íntimo ao público: o papel da autobiografia na (re)construção da imagem do príncipe Harry**", elaborado por **Isadora Soutto Mayor Diniz**.

Aprovado por

Cristiane Costa

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa (orientadora)

Isabel Siqueira Travancas

Profa. Dra. Isabel Siqueira Travancas

Júlia Anjos

Profa. Dra. Júlia Cavalcanti Versiani dos Anjos

Grau: 9,5

Rio de Janeiro, no dia 11/12/2024

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Vera, obrigada por ser minha melhor amiga. Seu carinho e amor incondicional me trazem, todos os dias, o conforto de saber que sempre posso contar com você!

Ao meu pai, Aurélio, agradeço pela confiança que sempre teve em mim e por tornar os meus dias mais leves.

Como excelentes professores, meus pais me ensinaram, desde pequena, a importância do foco, da determinação e, principalmente, do estudo. Para além do ensino, devo a eles todo o apoio que recebi nos momentos de aflição, diante da incerteza sobre a profissão que gostaria de seguir, e, sobretudo, o incentivo de ambos quando revelei a minha escolha. Espero, um dia, conseguir retribuí-los à altura!

Agradeço também a minha irmã, Gabriela, por ser uma grande referência de mulher e profissional para mim. Sempre dedicada, disciplinada e determinada frente aos seus objetivos profissionais, ela me inspira a dar o meu máximo em tudo que me proponho a fazer, em busca de alcançar minhas metas pessoais. Muito obrigada pela linda amizade que construímos, para além da relação de irmãs. Ela foi responsável por proporcionar as minhas melhores risadas durante esses anos de estudo.

Ao Colégio Santo Agostinho e à UFRJ, agradeço pela minha formação e por todos os momentos que vivi. Da escola à faculdade, reuni aprendizados que levarei para a minha vida e que tenho certeza da tamanha contribuição para a minha jornada profissional e crescimento pessoal.

À Cristiane Costa, agradeço por ter aceitado o convite de me orientar nesta pesquisa, pelo incentivo durante o desenvolvimento desse estudo e por, desde o início, ter me passado a confiança que eu precisava para guiar esse trabalho da forma que eu julgasse mais adequada.

Por fim, agradeço aos meus amigos que marcaram essa etapa da minha vida acadêmica. Pedro, Lorenzo e Gabi, obrigada pelas risadas, pelos abraços, pelos momentos únicos que vivemos nesses 4 anos estudando na Escola de Comunicação. Três grandes amizades que levo para além do campus da Praia Vermelha e que quero celebrar por muitos e muitos anos.

A memória é a consciência inserida no tempo.

(Fernando Pessoa)

DINIZ, Isadora Soutto Mayor. **Do íntimo ao público: o papel da autobiografia na (re)construção da imagem do príncipe Harry**. Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2024.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar o papel da autobiografia na construção de imagem pública. A pesquisa analisou o livro de memórias do príncipe Harry, *O que sobra* (2023), compreendendo as manifestações do discurso terapêutico e a constituição de um ethos testemunhal como instrumentos de controle da sua narrativa pessoal, no contexto de conflito com a Família Real britânica. Finalmente, o trabalho se propõe a estudar o fortalecimento do espaço biográfico como estratégia de comunicação no gerenciamento de imagem e como o testemunho pode ser uma ferramenta importante na construção de uma nova imagem aos olhos do público.

Palavras-chave: autobiografia; memória; testemunho; imagem; príncipe Harry

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. A vida como uma história	7
2.1. A autobiografia	9
2.2. O ethos e a construção de imagem midiática	12
2.3. O discurso terapêutico na contemporaneidade	15
3. Prazer, este sou eu	18
3.1 Por dentro do conflito familiar	19
3.2 Pelo olhar da imprensa	24
3.3. De príncipe a autor	29
3.4. O Que Sobra	33
4. Considerações finais	41
6. Referências bibliográficas	44

1. Introdução

Reposicionamento de imagem. Quando vamos a uma livraria, buscamos encontrar novas narrativas que prendam a nossa atenção. Das crônicas às biografias, do científico ao romance, todos estão à procura do diferencial que os transportem para dentro dos livros. Toda menina já se encantou com as histórias das princesas da Disney, quando crianças, e imaginou viver um amor, ao lado do príncipe encantado. O roteiro princesa de bom coração versus rainha má embalaram muitos livros infantis ao longo das décadas, mas o que provocava essa visão negativa sobre a personagem apontada como vilã? O discurso, a forma como era retratada e, principalmente, a perspectiva da qual a história era narrada. Esse cenário é muito bem ilustrado no filme *Malévola* (2014)¹.

A história da Bela Adormecida é uma das mais populares do universo do conto de fadas. Aurora, desde pequena, havia sido amaldiçoada por Malévola e prometida a cair em um sono profundo, ao tocar em um fuso, aos 16 anos de idade. Somente o beijo do amor verdadeiro seria capaz de despertá-la. Entretanto, na recente produção audiovisual sobre a história da rainha má, a narrativa é invertida: Malévola, na verdade, seria uma fada, que protegia seu reino dos invasores. Uma traição, no entanto, a transforma em uma mulher vingativa. Magoada, ela decide punir o rei Stefan pela quebra de confiança, lançando um feitiço sobre sua filha, a princesa Aurora. Contudo, ao acompanhar de perto o crescimento da menina, Malévola vai criando uma afeição pela criança, até mesmo a salvando de situações perigosas, como se cumprisse um papel de mãe. Ao final da trama, a princesa não desperta com o beijo do príncipe encantado, mas, sim, do verdadeiro amor: o materno.

Essa inversão de imagem da personagem abre um debate sobre como a representação de alguém pode mudar de acordo com a perspectiva proposta durante o seu processo de construção. Quando é exposta ao público uma história que explora as vivências sofridas de Malévola, torna-se possível uma maior empatia pela personagem e compreensão de suas atitudes. Assim, ela se afasta de uma imagem negativa e uma nova se constrói a partir da nova narrativa. A possibilidade de reposicionamento de imagem, por sua vez, não se limita ao universo ficcional.

Figuras públicas são, constantemente, alvos da grande mídia. O status de celebridade desperta o interesse do público sobre a sua vida, principalmente aquela que não é exposta. Brigas, relacionamentos, gravidez são conteúdos que alimentam diariamente as editorias

¹ MALÉVOLA. Direção de Robert Stromberg. Estados Unidos: Walt Disney Pictures Studios, 2014. (97 min)

destinadas a cobrir o dia a dia de famosos. Como principal fonte de informações dessa parcela, a imprensa influencia profundamente a construção da imagem pública de uma celebridade. Entretanto, como seria se houvesse uma outra fonte de informação: a própria celebridade?

Se, nas histórias de princesa, a vilã pode se tornar uma mãe amorosa, na vida real, a imagem pública de um príncipe também pode sofrer mudanças. Esse é o caso de Harry, filho caçula de Charles, o atual monarca britânico, e Lady Di. Imagina nascer como membro da Família Real mais popular do mundo e ter a sua vida vigiada diariamente pela grande mídia? Comportamentos milimetricamente calculados dentro e fora do palácio, assédio intenso da imprensa, expectativas impostas como um representante da Coroa, essa era a realidade do príncipe Harry. Desde criança, ele chamava atenção dos tabloides e da sociedade por demonstrar uma personalidade espontânea e alegre. Quando adolescente, estampou as capas dos jornais por episódios polêmicos envolvendo festas, consumo de álcool e brigas, ganhando a reputação de menino rebelde. Entretanto, foi na fase adulta que Harry se tornou um dos principais alvos da mídia, principalmente britânica. Seu relacionamento com a atriz norte-americana Meghan Markle, com quem hoje é casado, foi duramente criticado e perseguido pela imprensa, também gerando conflitos internos com a Família Real. O desgaste foi tão intenso que, em 2020, Harry e sua esposa anunciaram a sua saída da realeza.

Frente a uma sociedade conservadora britânica, apoiadora da monarquia, o desligamento da Coroa repercutiu negativamente na imagem de Harry. Se, quando jovem, ele era associado à rebeldia e à irresponsabilidade, sua decisão foi vista como sinônimo de deslealdade e ingratidão. Diante de uma imprensa empenhada em fomentar julgamentos e desaprovações a Harry e Meghan, muitas vezes através de notícias mentirosas e manipuladas, supostamente apuradas com a ajuda da Família Real, o príncipe decidiu agir. Determinado a contar a sua história, mostrando como estaria sendo retratado pela mídia de forma tendenciosa, Harry lançou sua autobiografia intitulada *O que sobra* (2023). Recheado de revelações sobre suas vivências dentro da monarquia britânica, o livro de memórias traz relatos fortes sobre perdas, saúde mental e conflitos familiares. A obra traz ao público uma visão, até então, oculta e um material inédito. Em um tom testemunhal e terapêutico, ao compartilhar com o leitor dores que lidou ao longo de sua jornada, *O que sobra* parece ser uma tentativa de Harry de ser ouvido e compreendido.

O objetivo deste estudo é explorar o papel da autobiografia na construção de imagem pública. Como objeto de pesquisa, será analisada a obra do príncipe Harry, *O que*

sobra, compreendendo as manifestações do discurso terapêutico e a constituição de um ethos testemunhal, como instrumentos de controle da sua narrativa pessoal, no contexto de conflito com a Família Real Britânica. Qual é a importância do controle dessa narrativa para mudar a imagem pública de uma celebridade? Por que a autobiografia foi adotada como estratégia para se comunicar? Como a abordagem testemunhal e terapêutica do livro impactam na percepção do público sobre o caso Harry x Realeza Britânica?

Essa pesquisa busca responder essas e outras questões que permeiam a construção de um livro de memórias como uma estratégia de comunicação, em meio a um gerenciamento de imagem. Ao identificar que o conflito entre Harry e sua família não se limitou a um acontecimento específico, se faz necessário também resgatar o passado para compreender o motivo pelo qual ele decidiu lançar uma autobiografia. Para isso, será feita uma análise de acontecimentos marcantes que desencadearam o conflito, assim como a relação de Harry com a imprensa britânica. Além disso, também será explorada essa transição de príncipe a autor, com uma posterior imersão na autobiografia, narrando os principais pontos explorados no livro de memórias.

Sempre tive um apreço grande pela leitura, principalmente aquelas escritas em primeira pessoa, que me permitem conhecer a vida de alguém por outra perspectiva, indo além do conteúdo superficial que encontramos nas buscas do Google. Portanto, autobiografias nunca faltaram na minha prateleira e, em 2023, *O que sobra* veio para compor minha coleção de livros. Além disso, a Família Real Britânica sempre me despertou muita curiosidade, desde o comportamento previamente planejado em frente às câmeras, à grande atenção que atrai ao redor do mundo. Quando o conflito entre Harry e sua família tornou-se público, culminando na sua saída oficial da realeza, a sua postura me surpreendeu.

Ao trabalhar com assessoria de imprensa, é comum identificar o silêncio ou pronunciamentos curtos e objetivos, como estratégias adotadas pela pessoa pública e sua equipe, para o gerenciamento de imagem durante uma crise. Harry, no entanto, escolheu o caminho contrário. Entrevistas, documentários e o lançamento de seu livro de memórias são alguns dos exemplos que ilustram a postura do príncipe durante o processo de reconstrução da imagem. Desse modo, surgiu a ideia de fazer uma pesquisa que reunisse três áreas importantes para a comunicação: espaço biográfico, imagem e opinião pública. E, assim, buscar entender a escolha de Harry em ir por um caminho diferente, quando tratamos de gerenciamento de imagem, a importância do seu livro de memórias para mudar a opinião

pública e como o ethos testemunhal e terapêutico que o livro imprime impacta na imagem pública tornaram as questões centrais deste estudo.

O primeiro capítulo abordará as narrativas de vida, a partir das memórias. Diante da crescente de materiais que exploram experiências pessoais, a pesquisa apresenta o conceito de espaço biográfico, uma perspectiva contemporânea frente às novas formas de narrar a vida. Entender o motivo por trás da ascensão dessas narrativas nos dias atuais e a articulação desses gêneros discursivos serão apresentados nesta parte do trabalho. Para isso, o estudo será baseado nos conceitos de Leonor Arfuch (2010), pesquisadora e professora argentina, responsável por estudar o contemporâneo espaço biográfico e explorar suas ramificações. Neste capítulo também será explorada a autobiografia, analisando como essa forma de escrita se caracteriza e a relação de sujeitos construída entre o autor, o narrador e o personagem nesse discurso: os três representam a mesma pessoa? A respeito da identidade e da auto-representação em uma autobiografia, serão apresentados os pensamentos conflitantes do pesquisador francês Philippe Lejeune (2008) e de Arfuch.

Apesar de *O que sobra* ser vendido como a autobiografia de Harry, ele não foi o responsável pela redação do livro. J. R. Moehring, jornalista premiado e autor de *The tender bar* (2005), obra que inspirou o filme de mesmo nome, foi o escolhido para pôr em palavras as memórias do príncipe. Mesmo que mediatizada por um ghost writer, a narração do sujeito sobre acontecimentos da sua vida, com base na memória, imprime um sentido factual ao que é relatado. Por essa razão, ainda no primeiro capítulo dessa pesquisa, também será analisada, a partir dos estudos de Bella Jozef (1997) e de Pierre Bourdieu (2006), a linha tênue entre o real e o ficcional nas obras autobiográficas. Além de abordar o caráter argumentativo nas narrativas, o processo de construção do ethos no discurso se tornará um dos pontos centrais desse estudo. Para isso, são exploradas discussões ao redor do conceito de ethos e suas problemáticas, tanto pela perspectiva do filósofo Aristóteles, em sua obra *A Retórica*, como na visão do linguista francês Dominique Maingueneau (2008). A interferência da mídia na construção do ethos de celebridades também será analisada, diante da importância desse fenômeno para o entendimento do objeto dessa pesquisa.

Como fechamento do primeiro capítulo, o discurso terapêutico na contemporaneidade, conceito de Igor Sacramento (2018), também se torna um dos pontos de discussão neste estudo. Baseada na ideia de expressar publicamente experiências de trauma e sofrimento, essa forma de comunicação expõe a vulnerabilidade individual e a necessidade de superação. Com as redes sociais, há uma notória convergência entre o público e o privado,

acompanhada de um crescente interesse pelos bastidores da vida dos famosos. Marcado pela exposição do íntimo, esse cenário permite observar a mudança de postura de celebridades, quanto a escolha de permitir que o público tenha conhecimento de suas fraquezas e desafios. Com base no estudo dos pesquisadores brasileiros Igor Sacramento e Douglas Ramos(2018), será analisada o abandono do estereótipo de vida perfeita, associada a esse grupo, e a conseqüente exposição do "eu" em todas as facetas, sendo um importante instrumento de construção de vínculo através do discurso. Por fim, é explorado o caráter de resistência que a narrativa terapêutica busca imprimir, após a apresentação de uma série de dificuldades ao longo da narrativa. Fundamentado na obra *O amor nos tempos do capitalismo* (2011), de Eva Illouz, a análise desse fenômeno abre as portas para o objeto dessa pesquisa, uma narrativa autobiográfica que usufrui desse discurso para conferir um sentido de testemunho e superação aos fatos relatados na obra.

Dessa forma, o segundo capítulo deste estudo tem como pontos centrais a relação de Harry com a Família Real Britânica e a imprensa, e o lançamento da autobiografia do príncipe, *O que sobra*. Para compreender o livro de memórias, é necessário entender o que antecedeu o conflito entre Harry e a realeza, assim como a cobertura feita, ao longo dos anos pela grande mídia, da vida do príncipe. Na primeira parte do capítulo, portanto, será explorada a infância de Harry, marcada pela perda de sua mãe, e sua juventude, compreendendo como era a dinâmica familiar, as principais polêmicas em que se envolveu e o impacto delas para a sua reputação dentro e fora da Coroa. Em seguida, a relação de Harry com a imprensa, principalmente britânica, se torna o alvo da discussão. Desde pequeno, ele lidou com o grande assédio da mídia, cenário que o tornou vítima de mentiras e difamações que interferiram diretamente na sua reputação como membro da realeza. Em razão disso, entender como esse conflito se desenrolou ao longo dos anos, analisando a forma como Harry era frequentemente retratado pelos tabloides britânicos, também se torna relevante para essa pesquisa.

Após o anúncio da saída de Harry e Meghan da Família Real Britânica, os ataques se tornaram mais intensos e foi, naquele momento, a grande virada de chave para Harry adotar uma nova postura. Assim, neste capítulo, também será explorada a iniciativa do príncipe de se posicionar frente a tantas histórias supostamente infundadas sobre ele e sua família. Como base de estudo dessa transição, serão usadas entrevistas e documentários que Harry protagonizou, assim como o lançamento de sua autobiografia. Será feita uma análise mais aprofundada do livro de memórias, buscando destacar as principais revelações que a obra traz ao leitor. Essa imersão permitirá identificar o tom testemunhal e o enfoque maior, por parte de

Harry, nos relatos de sofrimentos e dificuldades que marcaram a sua vida, fato que impacta na construção do ethos nesse discurso. Um panorama quanto a popularidade de Harry e Meghan no Reino Unido e nos Estados Unidos, respectivamente seus países natais, após o lançamento da autobiografia encerra o segundo capítulo.

Por fim, serão apresentadas as conclusões deste estudo, indicando as possíveis razões que guiaram Harry a escolher a autobiografia como uma forte estratégia de comunicação, o impacto do emprego do discurso terapêutico na opinião pública e a importância do controle da narrativa pessoal no caso Harry x Família Real Britânica.

2. A vida como uma história

Memória. De acordo com o dicionário Escolar de Língua Portuguesa, é a capacidade de recordar o que foi vivido, aprendido e experimentado. Tudo aquilo que vivenciamos, vimos, sentimos e tocamos compõem a memória de cada um de nós. Apesar de associada ao passado, sua importância não se limita a ele. A memória é responsável por desempenhar um papel fundamental nas dimensões do tempo, como uma longa viagem temporal. Ao resgatar as memórias no presente, o passado é retomado como forma de evocar aquelas vivências, para que, em seguida, seja possível traçar um futuro, a partir dos aprendizados adquiridos e acumulados ao longo da vida. Diante da riqueza que a memória traz consigo, as experiências pessoais podem ultrapassar os limites do imaginário e invadir as páginas em branco em forma de palavras. Esses relatos, que apresentam uma perspectiva pessoal, compõem as chamadas narrativas de vida.

O ato de narrar e registrar a história de uma pessoa pode adquirir diversas formas. Em 1947, foi publicado o diário de Anne Frank², uma jovem judia alemã, que documentou todo o período sombrio vivenciado por ela e sua família durante o Holocausto. Mais de 70 anos depois, o museu Casa de Anne Frank lançou um livro³ que reúne fatos inéditos sobre a vida da jovem judia, além de trazer relatos de pessoas que a conheceram. Assim, seja através das palavras daqueles que vivenciaram os acontecimentos relatados, seja através da escrita de outra pessoa, os registros vivenciais carregam consigo o caráter informativo de narrar o que aconteceu. Entretanto, se tornou notório o interesse do mercado editorial contemporâneo por autobiografias, fato que norteou novos estudos sobre a ascensão das narrativas de vida e os atributos, para além da informação, que integram esses registros.

O ano de 2023 foi marcado por lançamentos literários que retratavam a vida de figuras públicas, como Rita Lee e Britney Spears. No ano seguinte, o filme *Oppenheimer* (2023)⁴, história real sobre o inventor da bomba atômica, foi consagrado como o melhor longa-metragem pelo Academy Awards (Oscar) e a 3º maior bilheteria de 2023, repetindo o sucesso de *Bohemian Rhapsody* (2018)⁵, biografia audiovisual sobre a banda britânica de rock Queen. A presença qualitativa e o reconhecimento de produções com esse recorte evidenciam

² FRANK, Anne. *O Diário de Anne Frank*. Amsterdam: Contact Publishing, 1947

³ FRANK ANNE, Casa de. *Tudo Sobre Anne*. Traduzido por Yaemi Natumi, Karolien van Eck, NLTranslations.com. Brasi: Companhia das Letras, 2019.

⁴ OPPENHEIMER. Direção de Christopher Nolan. Estados Unidos: Universal Studios, 2023. 1 DVD (180 min)

⁵ BOHEMIAN Rhapsody. Direção de Bryan Singer. Reino Unido/Estados Unidos: 20th Century Fox, 2018. 1 DVD (134 min)

o crescimento do interesse do público e do mercado por histórias que retratam a vida de personalidades da música, da televisão e da história.

Biografias, autobiografias, diários, memórias e outros formatos de narrativas de vida, como filmes, reality shows e entrevistas, compõem o que Leonor Arfuch (2010), pesquisadora e professora argentina, conceituou de espaço biográfico. Em sua obra intitulada *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade*, a autora concede a esse termo uma perspectiva contemporânea quanto às novas formas de narrar a vida, compreendendo-o como a "confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa" (Arfuch, 2010, p. 59). Dessa forma, a estudiosa entende que a escrita do "eu", no mundo contemporâneo, não se limita aos gêneros canônicos tradicionais, uma vez que é notório o surgimento de novas formas de relatos vivenciais e de exposição do íntimo.

Além de explorar essa articulação de novos gêneros discursivos vivenciais, Arfuch também buscou compreender o crescente interesse por essas narrativas, assim como pelos "bastidores" de sua criação. Com facilidade, a autora apontou que a procura por obras biográficas são reflexo de uma tentativa de identificação do leitor, uma busca por referências a realizações pessoais, aprendizados, indo, portanto, além de apenas uma curiosidade sobre a vida de alguma figura pública. Em seu estudo, ela avançou ainda mais ao traçar um paralelo entre a crescente adesão ao biográfico e a construção do "eu", indo além dos aspectos de fácil identificação anteriormente apresentados:

A notável expansão do biográfico e seu deslizamento crescente para os âmbitos da intimidade fazem pensar num fenômeno que excede a simples proliferação de formas dissimilares, os usos funcionais ou a busca de estratégias de mercado, para expressar uma tonalidade particular da subjetividade contemporânea (Arfuch, 2010, p.17).

Dessa forma, Arfuch reflete sobre o sujeito pós-moderno e como a alta dessas narrativas é o reflexo do sucessivo interesse pela vida do outro e por sua subjetividade. Através do diálogo com as vivências alheias, se torna possível um entendimento maior de si próprio, isto é, uma reformulação do "eu", a partir dos conhecimentos e experiências de vida compartilhados. Esse cenário reforça uma quebra dos limites entre a esfera do público e do privado na contemporaneidade, onde um relato pessoal, que antigamente resguardava o caráter particular de seu conteúdo, se torna um "relato de todos" (Arfuch, 2010, p.17), frente às novas facetas da subjetividade.

2.1. A autobiografia

Como visto, a vida é uma história. A infância, a adolescência, a idade adulta e a velhice são as quatro fases que compõem o ciclo da existência humana, com início, meio e fim. Cada etapa reúne vivências distintas, assim como memórias que remetem o indivíduo a momentos únicos, podendo ser contadas através de narrativas estudadas nesta pesquisa. Entretanto, além de se diferenciarem pelo formato, há peculiaridades quanto ao narrador dessas histórias. Além de narradas em terceira pessoa, alguém que apresenta uma perspectiva externa dos acontecimentos relatados, as narrativas vivenciais podem contar a vida do próprio autor da obra. É dentro desse cenário que as autobiografias se consolidam no âmbito da escrita.

Narrados na primeira pessoa do singular, esses textos apresentam uma única pessoa como o autor, o narrador e o personagem principal da obra. Essa relação de sujeitos foi, assim, objeto de análise de estudos produzidos sobre os mecanismos de escrita e leitura autobiográficas. Para o professor e pesquisador francês Philippe Lejeune (2008), a definição de autobiografia para o leitor é regida por um contrato entre o autor e ele, que foi denominado de pacto autobiográfico. Este contrato implica em um compromisso com a veracidade do relato de vida do autor.

O que define a autobiografia para aquele que a lê é antes de tudo um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. E isso é também verdadeiro para quem escreve o texto (Lejeune, 2008,p.33).

Desse modo, em sua obra *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet* (2008), o autor compreende que um texto autobiográfico tem, entre o escritor da obra, aquele que narra a história e o que a vive, uma relação identitária nominal. Esse aspecto é usado por Lejeune ao diferenciar a biografia da autobiografia, uma vez que as identidades entre o narrador e o personagem se diferem no primeiro caso, enquanto, no segundo, elas são iguais. É com base na coincidente identidade entre os três, que Lejeune estabelece esse pacto entre o autor e o leitor, conferindo obrigatoriamente às autobiografias essa identidade de nomes.

Entretanto, ao refletir sobre a escrita de uma autobiografia é de comum entendimento que os fatos não estão sendo narrados no momento em que eles ocorrem. Essa reflexão caminha para um novo questionamento, com foco no autor da obra. Do momento em que esses relatos aconteceram, ao instante em que ele os coloca em um papel, o registro da sua história de vida, dos seus pensamentos, de suas opiniões, do seu modo de agir, e de outros

elementos do "eu" se mantiveram os mesmos? Será que ele, quando jovem, é diferente de quem ele se tornou na fase adulta?

Diante desse debate sobre a escrita autobiográfica, Leonor Arfuch também focou seus estudos nas novas ressignificações do "eu", presente nas narrativas de vida, propondo uma ideia contrária ao pacto autobiográfico estabelecido por Lejeune. Para ela, "o narrador é outro, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar" (Arfuch, 2010, p.54), uma vez que há uma lacuna temporal entre o narrador e o personagem, impossibilitando a equivalência de identidade.

"Sob a forma de autobiografia ou confissão [dirá Starobinski], e apesar do desejo de sinceridade, o conteúdo da narração pode escapar, se perder na ficção, sem que nada seja capaz de deter essa transição de um plano para outro" (p. 67). Assim, mesmo quando o caráter atual da autobiografia, ancorada na instância da enunciação, permitir a junção de história e discurso, para tomar as célebres categorias de Benveniste (1966, p. 242), fazendo dela uma entidade "mista", não poderá escapar de um paradoxo: não somente o relato "retrospectivo" será indecível em termos de sua verdade referencial, mas, além disso, resultará de uma dupla divergência, "uma divergência temporal e uma divergência de identidade" (Starobinski, [1970] 1974, .p 72; os itálicos são meus). (Arfuch, 2010, p.54)

Assim, compreendendo essa distinção de identidade, provocada por essa lacuna temporal que não nos permite sermos os mesmos do passado, Arfuch entende que a construção do texto autobiográfico permite ao enunciador fazer uma "confrontação rememorativa". Como o narrador e o personagem, para a autora, não são a mesma pessoa, o enunciador é capaz de traçar um paralelo entre suas memórias e o hoje, analisando como ele era no passado e o que passou a ser ao longo dos anos, permitindo, portanto, "uma construção imaginária de si mesmo como outro" (Arfuch, 2010, p.55).

Ao relatar as vivências de alguém, quem melhor do que a pessoa que as experienciou para contá-las? Talvez essa seja a pergunta que norteia o desejo pela escrita da própria história e desse estudo. Através das autobiografias, a narração do autor sobre fatos de sua vida parece imprimir um sentido de controle dessa narrativa pessoal, de forma a dar voz ao enunciador e transformá-lo no sujeito principal daquela história. É nesse flerte entre resgatar as memórias e reunir fatos reais, que esse gênero evidencia a linha tênue do entendimento do que é real e do que é ficcional nas obras autobiográficas. É nessa corda bamba entre a realidade e o imaginário proposta pela autobiografia, que Bella Jozef (1997), estudiosa e crítica literária brasileira, em sua obra *(Auto)biografia: os territórios da memória e da história*, analisa essa escrita temporal, em comunhão com os processos de memória e recordação:

A autobiografia sempre procurou espaço entre o discurso da história (por seu efeito

memorialístico, sua relação com um certo passado e sobretudo por sua ficção de credibilidade) e o discurso do sujeito, pelo espaço egocêntrico que parecia instaurar (Jozef, 1997, p.221).

A autora compreende, portanto, que os textos autobiográficos norteiam a ideia da história como discurso, uma vez que, através deles, há a impressão de que todo o conteúdo narrado é reflexo daquilo que aconteceu. Dessa forma, Jozef entende que esse gênero biográfico apresenta ao leitor duas perspectivas relacionadas ao sujeito: "Como o eu reage ao mundo e como o mundo experimenta o eu" (Jozef, 1997, p.221). Em vista disso, não seria possível classificar as autobiografias como documentos históricos, tendo apenas como referência a escrita de fatos reais, uma vez que esses textos adquirem um caráter testemunhal ao registrarem a visão do autor sobre si mesmo e sua história de vida. Assim, a autora conclui que as memórias não representam o real em sua totalidade, mas, sim, uma versão personalizada dele. Diante disso, compreende-se, portanto, que a história narrada é diferente da realidade, uma vez que o autor elege o que vai ser contado ou não, e como elas serão apresentadas ao leitor.

A noção de sentido que o autor vai inserir nos textos autobiográficos já era objeto de estudo de Pierre Bourdieu (1986), em seu artigo intitulado "Ilusão Biográfica". Tendo como base esse efeito de verdade que o autor pode produzir, o sociológico francês compreendeu que:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito a causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (Bourdieu, 1986, p. 184).

Deste modo, com a intenção de dar um destaque maior ou menor aos acontecimentos marcantes de sua vida, é o próprio autor que vai empregar os sentidos que vão reger a história a ser narrada. Diante disso, a autobiografia revela-se como um relato seletivo da história de vida do seu autor. Esse gênero, no entanto, não se limita somente ao biografado, uma vez que durante a sua jornada ele esteve inserido dentro de um contexto social e, portanto, um fato narrado foi vivenciado por outros indivíduos. É partindo da ideia do coletivo, que o testemunho configura-se como um elemento importante na construção da memória, que tem um papel fundamental nas narrativas de vida.

2.2. O ethos e a construção de imagem midiática

A argumentação é um instrumento linguístico, baseado na defesa de uma ideia ou do ponto de vista pessoal. Através de recursos argumentativos, a intenção daquele que argumenta é influenciar a opinião do outro, em benefício daquilo que defende. A análise argumentativa do discurso foi um dos principais objetos de estudo da linguista francesa Ruth Amossy (2018). Em sua obra intitulada *A argumentação no discurso*, ela defende que o uso da palavra está relacionado à ideia de eficácia e que, portanto, o discurso objetiva a produção de um impacto sobre aquele, ao qual se destina. Contudo, Amossy compreende que, tendo como foco o discurso argumentativo, há duas distinções quanto ao seu caráter.

O uso da palavra está, necessariamente, ligado à questão da eficácia. [...] o discurso procura sempre produzir um impacto sobre seu público. Esforça-se, frequentemente, para fazê-lo aderir a uma tese: ele possui, então, uma *visada* argumentativa. Mas o discurso também pode, mais modestamente, procurar modificar a orientação dos modos de ver e de sentir: nesse caso, ele possui uma *dimensão* argumentativa (Assoy, 2018, p. 7).

A autobiografia, objeto deste estudo, é um gênero discursivo que explora o íntimo, fornecendo ao leitor o seu ponto de vista sobre si mesmo e a sua visão de mundo. Esse compartilhamento, que busca apresentar novos olhares, permite identificar a dimensão argumentativa que esse gênero carrega consigo. Entretanto, todo discurso implica na construção da imagem de seu enunciador, que busca controlá-la no decorrer de sua enunciação. A essa representação do caráter daquele que usufrui do ato da palavra denominamos "ethos".

Para explorar esse conceito, no entanto, se faz necessário resgatar A Retórica, de Aristóteles, primeiro autor que explorou conceitualmente esse termo. Em sua obra, ele compreende que a construção do ethos relaciona-se com a enunciação.

persuade-se pelo caráter [= *ethos*] quando o discurso tem uma natureza que confere ao orador a condição de digno de fé; pois as pessoas honestas nos inspiram uma grande e pronta confiança sobre as questões em geral, e inteira confiança sobre as que não comportam de nenhum modo certeza, deixando lugar à dúvida. Mas é preciso que essa confiança seja efeito do discurso, não uma previsão sobre o caráter do orador (Aristóteles, 1356a, p.5-6 *apud* Maingueneau, 2008, p.13).

Desse modo, estabelecendo princípios básicos a respeito do ethos, compreende-se que ele é uma noção discursiva, que é construída a partir do discurso, não considerando, portanto, um conhecimento prévio sobre o autor da enunciação. Estabelecendo-se como um

processo interativo entre o orador e quem recebe esse discurso, o ethos é fundamentalmente marcado pela persuasão e caráter influente sobre o outro.

Por sua vez, Dominique Maingueneau (2008), pesquisador e linguista francês, propõe um novo estudo do ethos sob a perspectiva da análise do discurso, indo além de sua argumentação persuasiva, e explorando a existência de ethos pré-discursivo. Em sua obra intitulada *A propósito de ethos*, o autor relaciona o conceito à construção de uma identidade. Ele entende que a elaboração do ethos carrega uma vasta complexidade, uma vez que insere informações tanto do ambiente, quanto do conteúdo linguístico, provocando uma mobilização de afetividade do intérprete.

Uma outra série de problemas advém do fato de que, na elaboração do ethos, interagem fenômenos de ordens muito diversas: os índices sobre os quais se apóia o intérprete vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e a modulação... (Maingueneau, 2008, p.16).

Além dessa análise, o linguista francês também problematiza a ideia do ethos ser relacionado a um efeito do discurso. O autor compreende que, a partir dessa relação que se constrói com a enunciação, o pensamento a respeito do ethos se restringe ao verbal. Entretanto, ele aponta que, por exemplo, em uma situação de interação oral, há outros elementos que saem da esfera da palavra e que também influenciam na construção do ethos. Dentro desse âmbito da comunicação, componentes "como as roupas do locutor, seus gestos" (Maingueneau, 2008, p.61), presentes durante o ato do discurso, também impactam nesse processo de representação, segundo o autor.

O linguista francês ainda se preocupa em distinguir o ethos discursivo do ethos pré-discursivo. Apesar de, assim como Aristóteles, Maingueneau compreender que as representações do ethos estão diretamente relacionadas ao discurso, o autor entende que essa construção de imagem não limita-se apenas a ele, isto é, em alguns casos há representações prévias do autor, contrariando a proposta do filósofo. Diferente de quando se trata de um enunciador desconhecido, o público, isto é, o destinatário, em muitos casos, já construiu um ethos do locutor, antes mesmo de sua fala.

Certamente existem tipos de discurso ou de circunstâncias para as quais não se espera que o destinatário disponha de representações prévias do ethos do locutor: assim é quando lemos um texto de um autor desconhecido. Mas isso funciona de outro modo no domínio político ou na imprensa "de celebridades", por exemplo, em que a maior parte dos locutores, constantemente presentes na cena midiática, é associada a um tipo de ethos não-discursivo que cada enunciação pode confirmar ou infirmar (Maingueneau, 2008, p.16).

Assim como o autor indica em sua obra, se faz importante compreender, para além da construção da imagem, a construção do ethos na grande mídia. Ao longo dos anos, as celebridades passaram a desempenhar um papel de grande influência sobre a sociedade. A sua notoriedade permite que essas pessoas se tornem referências, sendo capazes de moldar tendências, influenciar em decisões de compra e impor novos comportamentos. A jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) Márcia Cristina Pimentel (2015) em seu artigo "A construção da celebridade midiática", entende que o termo celebridade é indicado a todas as pessoas que se transformam em alvo principal da mídia contemporânea. A autora, no entanto, ressalta que a atual tendência da fama está atrelada a uma exposição midiática do "eu", sendo, assim, o sujeito enquanto objeto próprio.

É importante, contudo, observar que o valor vinculado à fama, na forma como ela vem sendo percebida hoje por uma parcela considerável da população e das mídias, tem residido muito mais na exposição do indivíduo do que na sua substância acerca de algum saber. Ou seja, o importante é aparecer, de forma que o eixo dorsal da glória midiática vem tendendo a se fundar, cada vez mais, na capacidade individual de expor o próprio 'eu' e não, exatamente, em algum virtuosismo, no domínio do indivíduo sobre um objeto (Pimentel, 2015, p.194).

É justamente a esse fenômeno crescente de espetacularização e exposição de si mesmo que Paula Sibilia, pesquisadora argentina, atribuiu o nome de "show do eu". A expressão combina a centralidade do "eu", associada às selfies, ao auto-retrato, aos desejos e gostos pessoais em evidência, com a necessidade de mostrar. Essa manifestação coloca o "eu" em destaque, em uma perspectiva na qual o apenas ser não basta, mas, sim, se mostrar para que o outro te veja. "Um verdadeiro festival de 'vidas privadas', que se oferecem despudoradamente aos olhares do mundo inteiro; basta apenas um clique do mouse. E, de fato, todos nós costumamos dar esse clique" (Sibilia, 2016, quarta capa).

Em sua obra *Show do Eu: A intimidade como espetáculo* (2016), a autora explora a espetacularização de nós mesmos, potencializada no século XXI, com a era da informação e a valorização da autoimagem. Quantas pessoas compartilham diariamente a sua intimidade e sua rotina nas duas redes sociais? O que antes guardávamos entre as páginas dos nossos diários hoje é compartilhado com os demais e, em sua maioria, de forma distorcida. Hoje, a representação da realidade vale mais do que o que é vivido.

[...] As complexas fronteiras entre realidade e ficção ficam cada vez mais embaçadas nesses jogos, pois as telas interconectadas parecem cenários muito adequados para que cada um realize a performance de si mesmo. Entre outras ferramentas usadas para essa *mise-en-scène*, destacam-se os testemunhos em primeira pessoa, que de algum modo remetem a outro recurso antigo: a "técnica da confissão". Esse eficaz

instrumento para a produção de verdades tem sido utilizado há vários séculos no Ocidente, e sua genealogia foi traçada por Michel Foucault em seu livro *A vontade de saber*. (Sibilia, 2016, p. 105)

No livro, Sibilia relembra o episódio em que Joaquim Nabuco, no começo do século XX, produziu um livro de memórias que não foi bem recebido pela sociedade. A obra foi considerada um gesto de mau gosto, frente a grande exposição da intimidade de Nabuco. Ao trazer esse cenário para os dias atuais, o panorama é outro. Antes, o que recebia forte desaprovação da sociedade, hoje é aplaudido, reproduzido e consumido, como comprovam os bons números que as narrativas de vida acumulam no mercado editorial. Essa transformação reflete uma importante mudança cultural, onde a espetacularização do eu se tornou uma prática valorizada e comum.

2.3 O discurso terapêutico na contemporaneidade

Com as novas tecnologias, principalmente da internet, é notória uma crescente convergência das esferas do público, do privado e do íntimo, isto é, uma dificuldade gradativa de delimitar os limites entre o particular e o coletivo, consequente da exposição cada vez mais excessiva da intimidade. É dentro desse cenário de fusão que o sucessivo interesse pelos bastidores do cotidiano de celebridades se configura como um fenômeno da contemporaneidade.

Aos olhos da sociedade, a vida de figuras públicas historicamente sempre foi muito idealizada, frente a uma romantização da fama, associada ao glamour, ao sucesso, ao dinheiro, e, portanto, sendo raramente perceptível uma abordagem do lado B dessa vivência sob os holofotes. Entretanto, com a chegada das redes sociais, é visível a mudança de postura das celebridades quanto à exposição de suas fraquezas e desafios consequentes do mundo da fama. Desse modo, o público embarca na adoção e valorização dessas narrativas biográficas. Lucrativas, elas se tornam o mais próximo de conhecer a vida real dessas celebridades e mostram, que, para além da fama, são pessoas normais e, por isso, também têm seus momentos de dificuldade.

Esse processo de ampliação das narrativas biográficas terapêuticas foi um dos objetos de estudo de Igor Sacramento (2018), professor e pesquisador na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em sua obra *Documentando a superação: Demi Lovato: Stay Strong e o discurso terapêutico contemporâneo*, em coautoria

com Douglas Ramos, ele analisou a crescente de narrativas que abordam os males por trás da fama, tendo como objeto o documentário *Demi Lovato: Stay Strong* (2012)⁶. É nesse estudo que os autores compreendem que a tentativa de não se perder de si mesmo e a questão da autenticidade, como norteadores para a construção do efeito de proximidade entre as celebridades e os fãs, são as principais causas de figuras públicas estarem expondo, cada vez mais, os infortúnios de sua vida através dos mais diferentes formatos biográficos.

Desse modo, os autores entendem que as celebridades expressam nessas narrativas o que seria o "eu mesmo", oculto, até então, ao conhecimento do público. Além disso, o discurso terapêutico presente nessas produções biográficas tem um papel de controle, por parte da figura pública, das representações sobre si e de construção de vínculo com seus admiradores, como Sacramento e Ramos concluem:

Nesse aspecto, a promessa de intimidade presente na relação entre celebridades e fãs se configura como efeito de poder, possibilitando maior identificação e confiança nos célebres na medida em que mais expõem seus problemas, os modos como superaram e aconselham baseados nas próprias experiências. Assim, em diferentes práticas discursivas, as celebridades assumem posições de sujeito com o objetivo de detalhar aspectos da vida íntima para mobilizar maior identificação com o público e buscar definir uma imagem pública na qual se reconheçam (Sacramento; Ramos, 2018, p.60)

Como visto, o discurso terapêutico é responsável por reunir os sentimentos particulares e pessoais de alguém, a fim de torná-los públicos, através da exposição de seus sofrimentos nas narrativas vivenciais. Entendendo a ideia ao redor desse termo e os efeitos provocados por ele, para uma maior compreensão da presença dessa linha terapêutica nas autobiografias, documentários, entrevistas e outros formatos, Eva Illouz (2011), professora socióloga marroquina, entende que é necessário olhar a motivação que rege esse discurso, uma vez que “o que ajuda o indivíduo a reescrever a história de sua vida como uma narrativa terapêutica é o objetivo da história” (Illouz, 2011, p. 77).

Quando uma celebridade escreve a respeito de sua vida, resgatando momentos de dor, de sofrimento e de dificuldades, ela demonstra tudo aquilo que impossibilitou a vivência de processos de auto realização no passado. A exposição da fragilidade e de situações traumáticas são um reflexo de um período de "dessubjetivação ou desposseção de si mesmo como sujeito autônomo no processo de realizar escolhas próprias"(Sacramento; Ramos, 2018, p.4). Visto isso, além de expor sua fragilidade, essas narrativas também focam em como as celebridades superam todos os obstáculos consequentes desses momentos de infelicidade.

⁶ STAY strong. Direção de Davi Russo. Estados Unidos: Netflix, 2012.

Assim, elas demonstram também uma necessidade de reafirmar o caráter de resistência e de vitória de pessoas públicas, por enfrentarem todos os males do passado.

Diante do mecanismo do discurso terapêutico de privilegiar, em um primeiro momento, o trauma e o sofrimento, Illouz compreende que, a partir dessas narrativas, o sujeito enxerga sua vida como uma "disfunção generalizada" (Illouz, 2011, p. 77), para, no final, revelar o seu processo de superação. Ao trazer esse efeito do terapêutico para a esfera das autobiografias, a autora, em sua obra *O amor nos tempos do capitalismo* (2011), identifica uma grande transformação do gênero. Para ela, nas autobiografias terapêuticas, as experiências que remetem ao sofrimento e o entendimento de todos os sentimentos oriundos desse resgate de memória são responsáveis pela construção e expressão da identidade do sujeito da narrativa.

A narrativa do sofrimento psíquico reformula as biografias de sucesso como biografias em que o próprio eu nunca está propriamente pronto, e nas quais o sofrimento da pessoa passa a constituir sua identidade. Na nova autobiografia terapêutica, não é o sucesso que move a história, mas, antes, exatamente a possibilidade de que o eu possa se desestruturar (Illouz, 2011, p. 77).

Dessa forma, Illouz traça um paralelo entre as antigas biografias e as produções autobiográficas terapêuticas do mundo contemporâneo, destacando a importância do estado de sofrimento para a história narrada. É dentro desse estudo da relação que o autor estabelece com o público, através dessas narrativas vivenciais que carregam um tom testemunhal e terapêutico, que essa pesquisa analisa o papel da autobiografia de uma celebridade na (re) construção de sua imagem pública.

3. Prazer, este sou eu

Realeza. Para muitos, uma vida de privilégios, prestígios e luxo. Referências comuns de serem ouvidas, como "ter uma vida de rainha", retratam a utopia presente na visão daqueles que associam o dia a dia da monarquia à perfeição. A admiração e o fascínio pela Família Real também se tornam evidentes em eventos que envolvem seus membros, principalmente a realeza britânica, a mais famosa do mundo.

Em abril de 2011, o casamento do príncipe William, primeiro na linha de sucessão do trono britânico, com Kate Middleton foi transmitido globalmente e, como resultado, estima-se que 2 bilhões de pessoas acompanharam a cerimônia pela televisão. Onze anos depois, a popularidade da realeza foi novamente comprovada no funeral da Rainha Elizabeth II, a monarca mais longeva do Reino Unido. A cobertura extensiva da mídia, a multidão de britânicos reunidos no centro de Londres no dia da cerimônia e a marca de maior audiência da BBC⁷, desde a abertura das olimpíadas de Londres, reforçam: quando se trata da monarquia britânica, tudo se torna um grande espetáculo.

Apesar do encanto e grande interesse que muitos têm pela realeza, essa não é a perspectiva de todos. Há quem direcione diversas críticas à Família Real como instituição, assim como para alguns de seus membros, pelo acúmulo de polêmicas ao longo do reinado. Uma das maiores críticas à realeza é o alto custo para a manutenção do estilo de vida da família, marcada por viagens pelo redor do mundo, reformas milionárias no Palácio de Buckingham, residência oficial do monarca do Reino Unido, e dentre outros gastos. Para muitos britânicos, o alto valor destinado aos cofres da realeza poderia ser investido em serviços públicos, que proporcionariam uma melhoria na qualidade de vida de uma grande parcela da sociedade.

Outro fator que atrai olhares negativos do público são os escândalos e controvérsias envolvendo membros da monarquia. A postura diante da morte da princesa Diana, as falas cunho racista e sexista do príncipe Philip, marido da rainha Elizabeth II, as acusações de infidelidade por parte de Charles, atual rei, durante seu casamento com Diana, se somam a uma das polêmicas mais graves enfrentadas pela Coroa. Em 2021, o príncipe Andrew, filho da rainha Elizabeth e irmão de Charles, foi acusado de abuso sexual e associação com Jeffrey Epstein, bilionário americano responsável por operar uma rede de exploração sexual de

⁷ Fundada em 1992, a British Broadcasting Corporation (BBC) é uma emissora britânica, reconhecida globalmente.

menores. Este cenário de críticas e questionamentos à realeza britânica ganha ainda mais força quando um membro importante expõe um lado íntimo e oculto aos olhos do público.

Filho mais novo de Charles, atual rei da Inglaterra, e da princesa Diana, príncipe Harry desde pequeno se diferenciava do restante da família. Seja pela sua abordagem mais descontraída e acessível com o público, seja por comportamentos vistos como "rebeldes" pelo conservadorismo britânico, o "reserva", como revelou ter sido chamado supostamente por seu pai, fugia dos moldes tradicionais da realeza. Harry, no entanto, sempre esteve à frente de seus compromissos como membro da monarquia, entendendo a importância de seu papel para dar voz às causas que ele acreditava. Entretanto, em janeiro de 2020, o príncipe fez um anúncio que mudaria os rumos da Coroa nos anos seguintes.

3.1 Por dentro do conflito familiar

"Minha família havia me declarado uma nulidade. O Reserva" (Harry, 2023,p.49). Assim, Harry cresceu entre as paredes do Palácio de Buckingham. Ainda criança, o príncipe era o terceiro na linha de sucessão do trono britânico, atrás de seu pai, Charles, e de seu irmão mais velho, William. O futuro rei, o primogênito, era a prioridade da realeza britânica, enquanto Harry, apenas o seu substituto. A posição de suplente era evidenciada desde falas de membros da monarquia, ao se referirem aos irmãos, a questões burocráticas, podendo o caçula ser convocado até mesmo a doar órgãos a William, caso o mesmo se encontrasse em uma situação extrema de saúde. Esse cenário refletia como as obrigações reais se sobrepunham à relação de irmandade entre crianças e como a infância do caçula foi marcada por essa eterna posição de inferioridade perante o mais velho. Aos olhos da realeza, Harry não era o irmão de Willy, apelido carinhoso ao qual o chamava. Ele era o plano B.

Como membros da realeza britânica, William e Harry sempre atraíram os olhares atentos de curiosos ao redor do mundo. Sua mãe, a princesa Diana, no entanto, nunca mediu esforços para blindá-los da tamanha exposição e proporcioná-los uma infância tranquila, apesar de todas as exigências da Coroa. Conhecida como a "princesa do povo", ela cultivava a imagem de uma princesa simpática e humilde, além de se envolver em causas sociais, fato que reforçava a faceta humanitária de Lady Di. A espontaneidade e carinho com o público não se resumia a uma postura frente às câmeras. Em sua vida privada, Diana desempenhou o papel de mãe com muito louvor.

Quando se tratava de maternidade e sua relação com os filhos, a princesa não seguia protocolos. A lista de regras a serem cumpridas por membros da Família Real sempre foi muito extensa, desde vestimentas a comportamentos em viagens reais. Em 1983, quando William tinha apenas 9 meses, Diana e Charles o levaram em uma tour oficial pela Austrália e Nova Zelândia. A princesa não queria ficar longe por muito tempo do primogênito, já que o compromisso duraria 45 dias, e, por isso, decidiu quebrar um dos precedentes quanto a viagens. Além disso, ela também foi pioneira na escolha da educação formal dos herdeiros. A tradição da Coroa era o ensino em casa. Entretanto, Diana, que era professora primária antes do casamento, decidiu matricular William em uma pré-escola, aos três anos de idade⁸. O primogênito tornou-se o primeiro herdeiro real britânico a realizar esse período escolar fora do Palácio de Buckingham. Para Harry, Diana não se importava se suas atitudes estavam de acordo com as regras estabelecidas, ser uma mãe zelosa, amorosa, que pudesse prover a seus filhos uma vida tranquila e como a de qualquer outra criança, dentro do possível, parecia ser o seu maior compromisso.

Esse cenário, no entanto, sofreu uma grande mudança na madrugada do dia 31 de agosto de 1997. Harry ali perdeu a sua maior referência. Aos 36 anos, a princesa Diana foi vítima de um acidente de carro em Paris, na França. Já divorciada de Charles, ela estava na companhia do seu namorado, que também não resistiu à fatalidade, quando a Mercedes em que estavam começou a ser perseguida por paparazzis em motos. O assédio dos fotógrafos foi tão intenso que o motorista, que apresentava sinais de álcool no sangue, perdeu o controle do veículo, chocando-o com contra uma coluna de cimento, dentro de uma passagem subterrânea, às margens do Rio Sena. A comoção com o falecimento precoce de Diana foi mundial. A junção da elegância de uma princesa, com a humanidade encantadora, tornaram dela uma figura amada e influente. Apesar dos milhões de espectadores que acompanharam o funeral, nenhum luto era maior do que o de duas crianças. Com apenas 12 e 15 anos, Harry e William vivenciaram a maior perda de suas vidas.

Além da dor pela ausência da mãe, os meninos tiveram que enfrentar a exposição até mesmo no dia da despedida, porque, afinal, a Coroa estava acima de tudo e quem mais se esforçava para protegê-los dessas situações não estava mais lá. No funeral, o alto escalão decidiu que os dois irmãos deveriam seguir o cortejo a pé, até a Abadia de Westminster. "O irmão da mamãe, tio Charles, fez um escândalo. Vocês não podem obrigar esses meninos a

⁸ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/morte-de-diana-completa-25-anos-relembre-alguns-fatos-da-historia-de-lady-di/>. Acesso em: 21/08/2024

andarem atrás do caixão da mãe! É uma barbaridade" (Harry, 2023,p.35). Nem a revolta de parentes próximos foi capaz de impedir que os meninos fossem submetidos a tamanha insensibilidade. O choque era tão grande que Harry, ainda menino, não conseguia acreditar no falecimento da mãe. Para ele, tudo não se passava de uma trapaça de Diana.

A vida dela estava uma desgraça, ela era perseguida, incomodada, mentiam sobre ela, mentiam para ela. Então ela encenou o acidente para desviar o foco e fugir [...] É claro! É tudo uma artimanha para ela poder recomeçar do zero! [...] Logo ela mandar buscar a mim e ao Willy. É tudo tão óbvio! Por que eu não entendi isso antes? A mamãe não morreu. Ela está escondida! Eu me senti bem melhor (Harry, 2023, p.31).

Em meio a tamanha perseguição da imprensa, muitos julgamentos a respeito de sua conduta e uma relação fria e distante com a família, o caçula viveu uma adolescência e juventude muito conturbadas, se envolvendo em polêmicas de repercussão mundial. A rebeldia era constantemente associada à imagem de Harry, que frequentemente quebrava protocolos reais e se distanciava dos comportamentos esperados, como um membro da realeza, pelo povo britânico.

Em 2002, o príncipe estampou as manchetes dos tabloides ao ser noticiado que o caçula de Charles teria admitido à Família Real britânica o uso de maconha e o consumo de bebidas alcoólicas⁹. De acordo com as matérias publicadas, o filho da Rainha Elizabeth II, diante da confissão do filho, teria decidido levá-lo a uma clínica de reabilitação, no sul de Londres. Na época, Harry tinha apenas 17 anos e, segundo a mídia britânica, Charles queria que ele, com a visita, tivesse dimensão do impacto que o uso de drogas tinha na vida de uma pessoa. O jornal britânico *News of The World* chegou a afirmar que o herdeiro teria frequentado um centro residencial para usuários¹⁰. Em sua autobiografia, Harry revelou, no entanto, que, ao invés de desmentir as alegações, o palácio optou, na ocasião, por cooperar com a imprensa, como uma tentativa de limpar a imagem de seu pai, o príncipe Charles.

Numa tacada só, deixaria a editora satisfeita e daria um lustro na imagem abalada de papai. Em meio a todos esses fatos desagradáveis, todo esse ambiente de extorsão e artimanhas, o relações-públicas encontrara um lado positivo, um alentador prêmio de consolação para o papai. Não mais o marido infiel, ele agora se apresentaria perante o mundo como o aflito pai solteiro lidando com um filho drogado (Harry, 2023, p 93).

⁹ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2002/01/13/world/prince-harry-is-said-to-have-used-drugs.html>. Acesso em 08/08/2024

¹⁰ Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/1757448.stm. Acesso em 08/08/2024

Quase 20 anos depois, o príncipe falou sobre o período sombrio que viveu e revelou publicamente as principais motivações por trás de sua conduta. Na série documental *The Me You Can't See*¹¹ (O Meu Lado Invisível, 2021), que aborda saúde mental, Harry disse à apresentadora Oprah Winfrey que o abuso de álcool e drogas era uma forma de escape, em meio ao luto pela morte da Diana. "Eu estava disposto a beber, eu estava disposto a usar drogas, eu estava disposto a tentar e fazer coisas que fizessem eu me sentir menos como eu estava me sentindo", declarou.

Em outubro de 2004, apenas dois anos depois, Harry se envolveu em outra polêmica. Visto com frequência em boates e bares, a personalidade festeira do príncipe chamava atenção e era alvo de críticas por parte dos apoiadores da Coroa, uma vez que o gosto pela noite não se alinhava com as responsabilidades e expectativas associadas a membros da realeza. Naquele ano, durante uma madrugada, saindo de uma festa, Harry foi cercado por fotógrafos, a caminho de seu carro. Entretanto, o episódio não ocorreu bem. O herdeiro britânico foi acusado de agredir um dos paparazzi, que estava à sua espera. Na matéria publicada pelo jornal *The Guardian*¹², o porta-voz do palácio se pronunciou em defesa de Harry. "Príncipe Harry foi atingido no rosto por uma câmera por fotógrafos que se aglomeravam ao redor dele, enquanto se encaminhava para o seu carro. Ao afastar a câmera, o lábio do fotógrafo foi atingido" (Clarence House, 2004, tradução minha). O pronunciamento real, no entanto, foi desmentido pelos fotógrafos que estavam no local, que alegaram que o príncipe, mesmo já próximo do seu veículo, teria retornado, embriagado, em direção à vítima e o empurrado no chão.

Até então, as condutas do caçula, apesar de reprovadas pela opinião popular, não violavam princípios dos direitos humanos, como igualdade, respeito e dignidade. A gravidade e a repercussão ao redor de suas ações atingiram um outro nível quando passaram a promover a discriminação e a violência contra outras raças. Em 2005, Harry foi duramente criticado ao se fantasiar de soldado nazista para uma festa de aniversário, cujo tema era "Nativos e Colonizadores". Na ocasião, o príncipe foi fotografado com uma faixa no braço, que estampava uma suástica, símbolo associado ao partido alemão, liderado por Adolf Hitler. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, cerca de 6 milhões de judeus foram mortos pelos nazistas no Holocausto. Dessa forma, a roupa escolhida por Harry gerou uma revolta ao

¹¹ SEE *The me you can't*. Direção: Asif Kapadia, Dawn Porter. Produção: Oprah Winfrey, Prince Harry. Apple TV, 2021.

¹² Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2004/oct/21/pressandpublishing.themonarchy>. Acesso em 20/08/2024

redor do mundo, ao parecer representar um apoio às atrocidades cometidas naquele período. Como o neto, da então rainha do Reino Unido, poderia se associar a um grupo responsável pelo genocídio de milhões de pessoas? A repressão foi tão dura mundialmente, que o próprio Harry, por meio de uma nota oficial, se retratou, admitindo a escolha infeliz da fantasia e se desculpando com todos que poderiam ter se sentido ofendidos com a atitude.

Em 2009, mais um episódio se une às polêmicas envolvendo o príncipe britânico. O herdeiro foi acusado de racismo, após um vídeo gravado por ele ser divulgado por um jornal britânico. Na filmagem, Harry se refere a um colega paquistanês do exército de *paqui*. O termo, em questão, carrega uma conotação pejorativa e xenofóbica, usualmente empregado no Reino Unido para se referir a pessoas de origem muçulmana e árabe. Além disso, na gravação, também é possível ouvir o irmão de William falar *raghead*, ao filmar um outro companheiro de guerra. Traduzido para o português como "cabeça de turbante", a expressão também é vista como um insulto aos adeptos da religião muçulmana. Os dois episódios foram alvos de críticas, resultando em mais um pronunciamento, por parte da Coroa, assumindo a gravidade do uso dos termos e se desculpando a todos, em nome de Harry.

Apesar de nenhum dos episódios que vieram a público, durante a juventude de Harry, ter sido um conflito direto com a sua família, a conduta do príncipe, ao longo dos anos, foi associada à imagem da monarquia britânica. Como símbolo de tradição e moralidade, a legitimidade da instituição, nos dias atuais, está relacionada à aprovação popular. Dessa forma, atitudes como a do príncipe, que se distanciam do esperado de membros da realeza, refletem na reputação da família como um todo, podendo provocar um impacto no apoio popular à Coroa, diante das polêmicas e controvérsias. Além disso, a exposição e a repercussão negativa ao redor de um membro da monarquia promovem, em certos casos, um desgaste na relação familiar. Na tentativa de amplificar o debate e, portanto, a cobertura midiática, a imprensa expõe outros integrantes da Família Real a perguntas constrangedoras. Essas situações geram um desconforto e podem motivar um desejo, por parte dos familiares, de desvincular sua imagem do membro envolvido.

Apesar da postura "rebelde", Harry sempre teve uma boa relação com a sua família, ao menos publicamente, quando adolescente. Contestações quanto a esse cenário nunca tinham passado de apenas especulações da mídia. Entretanto, o príncipe cresceu. Serviu por dez anos no exército britânico, assumiu novas responsabilidades e se dedicou a causas sociais, como sua mãe. Na sua vida pessoal, após alguns relacionamentos mal-sucedidos, Harry conheceu a atriz norte-americana Meghan Markle, com quem se casou em maio de 2018. Esse

foi o ponto de início de uma grande reviravolta na monarquia britânica. O reserva era novamente capa dos tabloides britânicos, mas, dessa vez, o motivo seria outro. O particular havia se tornado público.

Em janeiro de 2020, através de uma comunicado em suas redes sociais, Harry e Meghan anunciaram o desejo de se afastarem da função de membros sênior da Família Real, isto é, de não representarem mais a realeza em compromissos reais. Além disso, o casal demonstrou interesse em se tornar independente financeiramente e dividir seu tempo entre o Reino Unido e a América. Embora, publicamente, tenham expressado compreensão a respeito da decisão de Harry e Meghan, fontes reais relataram certa preocupação e desapontamento por parte da monarquia, diante da saída do casal. Esse foi o início da tensão pública entre Harry e sua família, uma vez que teorias sobre o que motivou essa escolha começaram a circular na imprensa.

Em março de 2021, um novo capítulo dessa história veio à tona. Harry e Meghan concederam uma entrevista para a apresentadora Oprah Winfrey¹³, na qual revelaram os bastidores de sua relação com a Coroa. Dentre as declarações feitas, o príncipe apontou a falta de apoio como principal motivo pela saída da família real e negou que a avó, a Rainha Elizabeth II, não estivesse ciente da decisão antes de se tornar pública. O momento mais polêmico da entrevista, no entanto, foi quando o casal surpreendeu ao expor que havia “preocupações e conversas sobre o quão escura sua (do filho do casal) pele poderia ser quando ele nascesse”, se referindo às falas racistas vindas de um membro da instituição. A acusação de racismo dentro do palácio repercutiu negativamente em todo mundo e, somada com outras histórias reveladas durante a entrevista, levantou questões polêmicas sobre a conduta da Família Real Britânica fora dos holofotes. Embora o conflito entre Harry e a realeza fosse perceptível, frente à quebra de sigilo, foi no início de 2023 que um rompimento definitivo se tornou mais real.

3.2 Pelo olhar da imprensa

"Como se a minha família tivesse algum controle sobre esses demônios" (Harry, 2023, p.63). Essa era a forma como o príncipe Harry se referia à imprensa britânica: demônios. Com apenas horas de vida, ele estampou as capas dos tabloides, no colo de sua

¹³ Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/news/14277841/meghan-markle-oprah-interview-full-transcript/>. Acesso em 11/08/2024

mãe, ao saírem da maternidade, afinal, mais um membro da Família Real mais popular do mundo havia nascido. Em um momento de luto, enquanto caminhava atrás do cortejo em homenagem à Diana, os olhares atentos da imprensa também estavam sobre o caçula. Até mesmo o que ocorria fora dos holofotes, como episódios em Eton College, escola tradicional britânica na qual estudou, se tornaram manchetes dos jornais da época. Se os paparazzis não podiam fotografá-lo, eles pagavam para que os cliques e informações chegassem até eles. Um duelo marcado por grandes exposições, quebra de confidencialidade, mentiras e crimes, que ultrapassou o sentimento de revolta e chegou aos tribunais.

Os veículos de imprensa são um dos principais meios de comunicação e de difusão de informações regionais e mundiais no âmbito político, econômico, cultural e dentre outros. Essa característica informativa também se aplica ao mundo das celebridades. Através de suas assessorias ou entrevistas, elas compartilham com o público detalhes de sua vida pessoal e novidades profissionais que estão por vir, tornando-se alvos da opinião pública. Entretanto, ao tratar da Família Real, o cenário se limita a interações breves com o público, entrevistas pontuais e comunicados oficiais, que são a única ponte de diálogo entre a Coroa e a imprensa. É por essa razão que a mídia, especialmente britânica, assume um protagonismo no que diz respeito à fonte de informação sobre os membros reais. Se não há uma abertura e exposição por parte da Realeza, os veículos de comunicação, cientes de sua popularidade, se encarregam de buscar e produzir materiais que possam fomentar ainda mais a curiosidade sobre o que acontece na vida privada da família, para além do que é exposto à sociedade.

Dessa forma, sob a perspectiva do conteúdo a ser publicado, a imprensa passa a deter o controle da imagem dos membros da realeza britânica, uma vez que o material veiculado serve de base para a construção de opinião a respeito daquelas figuras públicas. Com Harry, não foi diferente. O perfil mais "rebelde" do príncipe, marcado por inúmeras quebras de protocolo reais, serviu, ao longo dos anos, como um prato cheio para imprensa, impactando diretamente sua reputação como membro da monarquia britânica.

"Semanas depois, o mesmo jornal me pôs na capa outra vez"(Harry, 2023, p.62). O jornal *Daily Mirror*, famoso tablóide do Reino Unido, havia publicado na capa de uma de suas edições: em português, "Harry sofre acidente, mas não temos permissão para contar para vocês" (tradução nossa)¹⁴. Escrito pelo jornalista Piers Morgan, o artigo havia criado um cenário irreal. Durante uma partida de rúgbi, na escola, o príncipe quebrou o osso do polegar de uma das mãos. O que seria, no entanto, uma simples lesão, se tornou um caso de vida ou

¹⁴ No original: "Harry 's had an accident, but we're not allowed to tell you"

morte nas palavras do editor. De acordo com a notícia, o caçula de Charles havia se acidentado gravemente, por isso, estava hospitalizado, respirando com a ajuda de aparelhos. Entretanto, o jornal reiterou que não poderiam revelar o que ocasionou os ferimentos, porque a Coroa havia proibido.

Minha existência era uma diversão para esse pessoal. Para eles, eu não era um ser humano. Não era um menino de quatorze anos escapando por um triz do fracasso. Era um personagem de desenho animado, uma marionete a ser manipulada e zombada. E daí se a diversão deles tornava meus dias já difíceis ainda mais difíceis, me transformava em alvo das chacotas dos meus colegas, para não falar do mundo de modo geral? [...] Tudo se justificava, porque eu era membro da realeza e, na cabeça deles, um membro da realeza não era uma pessoa (Harry, 2023, p.62).

Para além das mentiras publicadas, a falta de coerência da matéria também chamava atenção. Após apontar tamanha gravidade à lesão de Harry, o jornalista revelou que os ferimentos não eram sérios, mas que era direito do leitor saber quando o herdeiro do trono se envolvia em acidentes, independente do risco. Essa não era a primeira vez que Harry era alvo do *Daily Mirror*. "Harry, the skinhead", em português, "Harry, o careca" (tradução nossa) também estampou a capa do jornal, depois do príncipe ter raspado o cabelo no colégio. Como não havia fotos, a imagem veiculada tinha sido manipulada, com o intuito de ilustrar e debochar de sua nova aparência.

Não conseguia entender como tinham tomado conhecimento da história. Um colega de escola deveria ter contado a alguém que tinha contado a mais alguém que tinha contado aos jornais. Não tinham foto, graças a Deus. Mas improvisaram. A imagem na capa era um retrato "gerado por computador" do Reserva, careca feito um ovo. Uma mentira. Mais do que mentira, na verdade. Eu estava feio, mas não tão feio (Harry, 2023, p. 61).

Após os dois episódios, o gabinete de Charles emitiu uma queixa formal ao *Daily Mirror*, exigindo um pedido de desculpas publicamente, acusando-o de praticar bullying contra o herdeiro. Na época, no entanto, o jornalista se recusou a seguir o pedido da Família Real, o que já evidenciava o poderio da imprensa.

Durante sua adolescência, o gosto do príncipe pela noite também se tornou um dos principais alvos dos tabloides britânicos. Presença frequente em festas, sempre cercado por mulheres e constantemente fotografado com bebidas em mãos, Harry atraía os holofotes e, junto a eles, as polêmicas ao redor de sua imagem. Assim como o consumo de álcool, a confissão quanto ao uso de drogas, ainda menor de idade, e brigas com paparazzis na saída de pubs londrinos reforçavam o espírito festeiro e inconsequente do irmão de William que a

imprensa tanto buscava retratar. Um príncipe que fugia de protocolos e se distanciava das expectativas: o que poderia conquistar mais a atenção dos leitores do que o auge da rebeldia de Harry?

O que, até então, era visto por muitos como apenas uma fase de diversão, característica daquela idade, se transformou em um dos momentos de maior crítica à figura de Harry, por parte da opinião pública. Em 2005, "*Harry, the nazi*" (em português, "Harry, o nazista") estampava a capa do jornal britânico *The Sun*, um dos mais populares do Reino Unido¹⁵. As sucessivas manchetes negativas sobre o príncipe contribuíram para o desgaste de sua imagem ao longo dos anos, principalmente sob a ótica do conservadorismo britânico. Diante de um comportamento muito distante do que se esperava de um membro da Família Real, as comparações entre os irmãos eram inevitáveis. Se por um lado, William traçava uma trajetória impecável e condizente com o seu papel como herdeiro do trono, Harry era frequentemente associado à farra, como se não quisesse ou fosse capaz de assumir o compromisso com as responsabilidades que sua posição exigia. Entretanto, ao tratar de imprensa, todo conteúdo veiculado é produzido a partir de um enfoque. Assim, surge uma importante questão: as ações de Harry se limitavam apenas ao que era destacado e repercutido pela mídia ou era uma escolha dos jornais britânicos dar foco a uma postura que eles sabiam que motivaria uma desaprovação e, conseqüentemente, impactaria na reputação do príncipe?

A resposta é simples e pode ser encontrada nas milhões de crianças e jovens que Harry ajudou, através de seu trabalho humanitário. Em 2004, após se formar na escola, o príncipe tirou um ano sabático e, um dos destinos escolhidos, foi Lesoto, um país africano que enfrentava um estado de calamidade médica. A nação era um dos locais de maior taxa de incidência de casos de HIV no mundo, naquele período. O número de vítimas era alarmante, mais crianças ficavam órfãs a cada dia e, naquele momento, toda ajuda era bem-vinda. Por isso, ao lado de seu amigo George, o príncipe se dedicou à causa.

Dezenas de milhares haviam perecido com a doença e a nação estava se transformando em um vasto orfanato. Aqui e ali, viam-se crianças pequenas correndo de um lado para o outro, com um olhar perdido no rosto [...] George e eu nos candidatamos a ajudar diversas instituições de caridade e escolas. Ficamos ambos impressionados com as pessoas encantadoras que conhecemos, sua resiliência, sua altivez, sua coragem e seu ânimo, diante de tanto sofrimento [...] Construimos escolas. Reformamos escolas. Misturamos cascalho, despejamos cimento, o que fosse necessário (Harry, 2018, p.117).

¹⁵ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/01/050113_harrycg. Acesso em 14/08/2024

Dois anos depois, Harry fundou a ONG Sentebale, instituição dedicada a cuidar da saúde mental e do bem-estar de crianças e jovens de Lesoto e Botswana portadoras de aids. Sua missão: combater o HIV em Lesoto, principalmente entre as crianças. "Sentebale em Lesoto significa "não-te-esqueças-de-mim". A flor favorita da mamãe" (Harry, 2018,p.155).

Além de outras viagens que destacaram a afeição do príncipe britânico pelo trabalho voluntário, incluindo compromissos reais dedicados a causas humanitárias, Harry também fez uma importante contribuição social na área militar. Inspirado pelo Warrior Games, ele criou, em 2014, o Invictus, evento esportivo similar a Paraolimpíada, destinado a apoiar e homenagear soldados veteranos que sofreram algum tipo de ferimento grave no período de serviço. A iniciativa foi idealizada como uma oportunidade para os militares de se redescobrirem e manifestarem seus talentos, através do esporte, apesar de todos os traumas e limitações físicas impostas pela guerra.

Mesmo diante de toda importância do engajamento de Harry em causas sociais, nenhum desses trabalhos recebeu a mesma atenção da imprensa, quando comparado às polêmicas associadas ao seu nome. Dar voz aqueles mais necessitados, viajar o mundo para prestar apoio humanitário a regiões de extrema pobreza e fundar instituições de caridade preenchiam as expectativas que muitos tinham do papel de Harry como membro da realeza e filho de Diana, que sempre se dedicou ao trabalho social. Entretanto, não era isso que a imprensa gostava de destacar. Era como se o que pudesse repercutir positivamente quanto a imagem dele e sua função real não tivesse o mesmo valor para a imprensa, que preferia limitá-lo à rebeldia e às críticas. Quando Harry era assunto entre os tablóides britânicos, não havia espaço para aplausos.

Essa história teve um novo capítulo com a entrada de Meghan Markle na Família Real. Harry não era mais o alvo sozinho e a perseguição da mídia também se estendeu a sua esposa, que, desde que se casou, foi vítima de ataques racistas e difamações por parte da mídia, especialmente britânica. Dentre as acusações contra Meghan, se destacaram o alto custo de vida com o dinheiro público, o tratamento hostil a funcionárias do palácio e quebra de tradições da realeza. Em 2020, o cenário recebeu um novo agravante: o anúncio da saída do casal da realeza britânica. Se, antes, o duque e a duquesa de Sussex já eram alvos frequentes dos tabloides britânicos, a relação se tornou ainda mais conturbada. Desde acusações de usufruírem dos títulos da realeza para ganhos comerciais até boatos de conflito e rivalidade entre o casal e William e Kate Middleton, incluindo uma suposta briga física entre os irmãos, a imprensa contribuiu para a impopularidade ainda maior do casal, após a decisão.

Entretanto, farto da falta de privacidade e decidido a provocar mudanças na mídia britânica, Harry processou, em junho de 2023, a editora Mirror Group Newspapers (MGN), que inclui o tabloide *Daily Mirror*. Na ocasião, o príncipe se tornou o primeiro sênior da realeza a depor em um Tribunal Superior em 130 anos. O processo movido pelo filho de Charles acusava o grupo de usar atividades ilegais para coletar informações, dentre elas o hackeamento de telefones e escutas clandestinas. Em fevereiro deste ano, Harry venceu a ação¹⁶, chegando a um acordo indenizatório com a editora em fevereiro deste ano. A editora News Group Newspaper (NGN), que inclui o famoso jornal *The Sun*, também foi alvo de processo pelo recolhimento ilegal de informações por jornalistas e investidores particulares sobre o príncipe, entre meados de 1990 a 2010. A ação ainda corre na justiça do Reino Unido e um julgamento sobre esse caso deve acontecer em 2025.

Apesar dos ataques diretos da imprensa britânica a Harry e Meghan, os tabloides não eram os únicos antagonistas desse conflito. Em entrevista ao canal britânico ITV (Harry, 2023)¹⁷, o príncipe revelou que, além do vazamento, histórias negativas sobre o casal também foram plantadas de dentro do palácio, fato que agravou sua relação com William. Harry revelou que o irmão estava ciente e não impediu que a equipe de comunicação do gabinete que dividiam alimentasse narrativas prejudiciais à sua imagem e a de Meghan. O desapontamento com o irmão tornou-se evidente diante da quebra de um acordo feito, ainda jovens, no qual prometiam nunca vazar informações um sobre o outro para os tabloides. "Eu preferiria ser destruído na imprensa do que jogar junto a esse jogo, ou fazer essas negociações", enfatizou o caçula durante a entrevista .

3.3 De príncipe a autor

"O silêncio só permite que o agressor abuse, certo? Então, eu não sei como continuar em silêncio vai melhorar as coisas" (Harry, 2023)¹⁸. Em entrevista ao canal ITV, as palavras proferidas pelo príncipe quanto ao silêncio da realeza, frente a conduta da imprensa, já confirmavam um novo posicionamento do príncipe diante daquele cenário conflituoso. De um lado, a grande mídia empenhada em veicular sucessivas matérias que corroborassem para o retrato de um cenário de conflito entre Harry e a Família Real Britânica. De outro, um príncipe que, desde jovem, se tornou alvo dos jornalistas britânicos e enfrentava o ápice das

¹⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-68249009>. Acesso em 12/06/2024

¹⁷ Disponível em: <https://www.itv.com/watch/harry-the-interview/10a3975>. Acesso em 15/06/2024

¹⁸ Disponível em: <https://www.itv.com/watch/harry-the-interview/10a3975>. Acesso em 16/06/2024

difamações, após a decisão de se afastar das obrigações reais, em busca de garantir maior privacidade para a sua família. Em meio a matérias infundadas e a ataques velados por parte da realeza, surge a urgência de Harry falar. Não através de comunicados redigidos por sua assessoria de comunicação, mas, sim, ir a público para expor a sua versão da história.

A mudança de postura do príncipe foi perceptível, pela primeira vez, em março de 2021. Na ocasião, Harry e Meghan, lado a lado, conversaram com a apresentadora Oprah Winfrey e revelaram experiências vivenciadas no período que faziam parte da Família Real. Naquela entrevista, quem estava sentado frente a ela não era o Duque e a Duquesa de Sussex. Não havia nenhum resquício de discrição e privacidade, característico da Coroa, quanto a vida pessoal. O que havia era um casal que necessitava ser ouvido. O relato honesto e forte evidenciaram a ânsia de ambos de mostrarem o que não estava sendo exposto. Para Harry e Meghan, era uma oportunidade do público, que, até então, tinha tido acesso apenas à versão contada pela imprensa, que favorecia a realeza britânica, de conhecer também o outro lado da moeda.

Dentre as polêmicas revelações, o casal expôs o real motivo para o afastamento de suas obrigações reais, destacando também um medo pessoal de Harry para tal decisão: "Falta de apoio e falta de compreensão". Quando Meghan compartilhou a necessidade de procurar ajuda psicológica, frente a pressão e a vida solitária no palácio, ela não foi amparada pela instituição. Frente aos ataques racistas contra ela, nenhum pronunciamento em repúdio, por parte da Coroa, foi divulgado. O assédio exacerbado em cima do casal, a ponto de limitarem suas idas e vindas, também foi tratado com indiferença pela realeza, mesmo com o incômodo claro de Harry com a falta de privacidade. Frente àquele cenário, o que se esperava de uma família não existiu. A proteção e a preocupação pelo bem-estar do casal não era uma prioridade, eles não eram uma prioridade.

Em maio daquele mesmo ano, mais uma manifestação dessa nova postura, por parte de Harry, tornou-se pública. Produtor executivo ao lado de Oprah, o príncipe lançou a série documental *The Me You Can't See*, que traz como tema central a saúde mental e o bem-estar emocional. A produção audiovisual reúne relatos de figuras públicas, incluindo o príncipe, sobre suas lutas pessoais durante suas trajetórias de vida. No documentário, Harry revisitou a perda da mãe e o uso de drogas como forma de escape, além de compartilhar o arrependimento de não ter denunciado previamente o racismo sofrido por Meghan, vítima de uma perseguição semelhante à que Diana sofreu. "Meu maior arrependimento é não ter assumido antes essa posição em meu relacionamento. A história estava se repetindo. Minha

mãe foi perseguida até a morte enquanto mantinha um relacionamento com alguém que não era branco, e agora veja o que aconteceu”, disse.

Para além dos relatos que evidenciavam um desejo por parte de Harry de controlar todas aquelas narrativas que circulavam sobre ele e sua esposa, a exposição de uma fraqueza do príncipe também expressava uma forma de atrair um olhar mais humanitário em meio a tantos julgamentos. O compartilhamento dessa fragilidade emocional com o público provoca um deslocamento da imagem de Harry, que, antes, era associada à figura de um príncipe e à visão romantizada que se tinha a respeito de sua vida. Com essa abertura, há uma tentativa de quebrar a idealização e aproximar a sua imagem da realidade comum. Em relato a Winfrey, ele pontua que "tomar a decisão de receber ajuda não é um sinal de fraqueza. No mundo de hoje, mais do que nunca, é um sinal de força" (Harry, 2021). Assim, Harry parecia buscar se mostrar como alguém que lida com dificuldades em sua jornada, assim como qualquer outro, mas que busca enfrentá-las, como um símbolo de resiliência, o que também contribui para a humanização de sua figura.

Decidido a contar todas as facetas de suas histórias, um dos casais mais comentados do mundo protagonizou, em 2022, uma série documental da Netflix, uma das maiores plataformas de streaming. *Harry & Meghan (2022)*¹⁹ foi ao ar no final daquele ano e reuniu seis episódios que exploraram desde o início do namoro até a decisão de se afastarem das obrigações reais. Anunciado como "evento global", o lançamento superou todas as expectativas. Na época, presente no Top 10 das produções mais assistidas em 85 países e, com a marca de melhor estreia de um documentário na história da Netflix, a série tinha se tornado um grande sucesso. Os números não mentiam: havia um grande interesse popular em saber o que eles tinham para contar. *O que sobra* não era apenas um livro sobre a vida do príncipe como membro da Família Real, era o seu livro de memórias, o que tornava sua publicação ainda mais relevante. Com 507 páginas, o livro trouxe grandes revelações sobre a morte de sua mãe, o período que serviu no exército, o relacionamento conturbado com seu irmão, William, o conflito com a imprensa e o impacto de sua relação com Meghan Markle na mídia e dentro do palácio. Com uma história marcante, essa foi a primeira autobiografia de um membro da família real. Em seus relatos, Harry não hesitou ao tecer críticas aos seus familiares, assim como à Coroa como instituição, fato que contribuiu para a identificação do caráter destrutivo da autobiografia, considerada, por membros da imprensa e estudiosos da realeza, "um dos livros potencialmente mais prejudiciais para a monarquia em muitos anos".

¹⁹ HARRY & MEGHAN. Direção: Liz Garbus. Reino Unido.. Netflix, 2022

Em meio ao conflito com sua família, as mentiras divulgadas pela imprensa e a desaprovação dos britânicos quanto a seu afastamento do palácio, Harry escreveu o livro para dar voz às suas vivências e razões, pelas quais suas decisões tão criticadas foram feitas. O que poderia ser mais crível e pessoal que um relato de vida do príncipe, contado pela perspectiva do próprio?

3.4 O Que Sobra

"E você que me lê: obrigado por querer conhecer minha história nas minhas próprias palavras" (Harry, 2023, p.507). Esses foram os dizeres escolhidos por Harry para concluir o que, pode-se dizer, foi o seu maior e mais íntimo relato pessoal. "A noite que me protege" é o capítulo inicial deste livro de memórias e é um compilado de toda a sua infância. Desde as primeiras palavras do príncipe, já se torna possível compreender o porquê da escolha do título da obra. *O que sobra* é a forma como Harry se sentia, o reserva de seu irmão, aquele ao qual poderiam recorrer, caso algo inesperado acontecesse com William. O reserva e o herdeiro, segundo o caçula, não eram nomeações adotadas apenas pela imprensa, quando queriam se referir a eles. A rainha Elizabeth, seu avô, Phillip, e, até mesmo, seus pais costumavam usar esses termos como forma de identificá-los. Uma sombra, uma distração, um apoio, assim Harry se enxergava na dinâmica familiar.

Tinha vinte anos quando ouvi a história de que o meu pai supostamente disse à minha mãe no dia do meu nascimento: Maravilha! Você já me deu um herdeiro e um reserva - já fiz meu trabalho. Uma piada. Supostamente. Minutos depois de proferir essa grande piada, dizem que meu pai saiu para ir ao teatro com a namorada. Pois é, Muitas verdades são ditas em tom de brincadeira (Harry, 2023, p.24).

Pensar em uma criança crescendo nesse ambiente, que deveria ser de acolhimento e carinho, é lamentável, mas vê-la enfrentar, com apenas 12 anos, a morte de sua mãe torna esse cenário ainda mais cruel. Uma perda que não era esperada, uma comoção mundial por uma morte precoce, mas que, para Harry, era impossível de acreditar. Em seu livro, ele relembra o dia que recebeu a notícia do falecimento de Lady Di. Sentado na beirada da cama, Charles contou a ele sobre o acidente e a necessidade dela ter sido levada ao hospital, em razão de um grave ferimento na cabeça: "Eles tentaram de tudo, menino querido. Lamento dizer que ela não aguentou" (Harry, 2023, p.29). Após isso, não houve um abraço, não houve uma lágrima,

era um início de um estado de negação, que perdurou durante muito tempo, segundo ele.

Não era segredo para ninguém o quanto a mídia tinha sido invasiva e destrutiva com Diana, desde seu casamento com o Charles. O assédio era tão intenso que a sua morte tinha sido provocada justamente pela perseguição de paparazzis ao carro em que estava. Mesmo após sua separação, Lady Di permaneceu sendo alvo frequente da imprensa britânica e foi nesse cenário que Harry se apoiou para tentar se convencer de que sua mãe ainda estava viva, mas que, para desviar a atenção, teve que fugir.

É claro! É tudo artimanha para ela poder recomeçar do zero! Neste exato momento, sem dúvida nenhuma, ela está alugando um apartamento em Paris, ou arrumando as flores na cabaninha que ela comprou em segredo em algum lugar no alto dos Alpes suíços. Logo ela manda buscar a mim e ao Willy, É tudo tão óbvio! Por que não entendi isso antes? A mamãe não morreu. Ela está escondida! (Harry, 2023, p.31).

Durante boa parte de sua infância, Harry conviveu com o dilema de tentar aceitar o falecimento de sua mãe, no entanto, sempre se apoiando nas esperanças de que ela iria aparecer e levar ele e William para morarem com ela, longe dos holofotes. Essa tentativa de se auto convencer de que a perda dolorosa da mãe não era real impediu que Harry pudesse viver cada etapa do luto. Em meio a negação, o príncipe não conseguiu chorar pela morte de Diana, revelou.

Além de ter tido que aprender a lidar com a ausência da mãe, ele narra no livro que também precisou encarar sozinho a realidade de ser uma criança diferente das outras. Sempre acompanhado de guarda costas e associado à realeza, Harry diz que queria ser tratado da mesma forma que seus colegas, mas aquele desejo parecia impossível entre os muros de Eton College. Foi dentro desse espaço que a fama de menino problemático começou. Junto aos seus amigos, Harry constantemente quebrava as normas do colégio. Aos amigos, a desobediência era atrativa, mas, para ele, era apenas o resultado do estado em que se encontrava. "Porém, como um robô, eu aceitava todos os cigarros, e no mesmo estilo automático, impensado, em pouco tempo passei à maconha" (Harry, 2023, p. 59), revelou.

A rebeldia de Harry tornou-se o principal alvo da imprensa naquele período. Acontecimentos que ocorriam dentro e fora da escola começaram a estampar as manchetes dos tabloides britânicos, sempre de maneira distorcida. Em sua autobiografia, o príncipe relembra o momento que leu, na primeira página: "O vergonhoso vício de Harry". Publicada em janeiro de 2002, a matéria retratava Harry como um usuário de drogas, afirmando que ele havia estado em uma clínica de reabilitação. Desmentindo o que tinha sido veiculado, o caçula garantiu que a visita fazia parte de suas atividades como príncipe, que incluía visitas a

suas obras de caridade. Para a mídia, não importava se as informações e a abordagem empregada nas notícias estavam condizentes com o que tinha acontecido. O lucro e o ganho de popularidade para seus jornais, através da venda de matérias sensacionalistas, eram a prioridade e Harry apenas o peão nesse grande jogo de interesses.

Para eles, eu não era um ser humano. Não era um menino de catorze anos escapando por um triz do fracasso. Era um personagem de desenho animado, uma marionete a ser manipulada e zombada. E daí se a diversão deles tornava meus dias mais difíceis, me transformava em alvo das chacotas dos meus colegas, para não falar do mundo em geral? E daí se torturaram uma criança? Tudo se justificava porque eu era membro da realeza, e na cabeça deles um membro da realeza não era uma pessoa, Séculos atrás, homens e mulheres da realeza eram considerados divinos: agora em insetos. Que divertido arrancar suas asas (Harry, 2023, p.62).

Apesar das inúmeras manobras da imprensa de criarem polêmicas envolvendo o nome de Harry, nem tudo tinha sido inventado ou manipulado. Como visto, ao longo de sua adolescência, o príncipe cometeu erros graves, que necessitaram de uma retratação pública. Quanto a fantasia nazista, Harry afirmou que agiu sem pensar e que ficou com muita vergonha de sua atitude. Ele, no entanto, revelou que o Príncipe William e sua atual cunhada, Kate Middleton, é quem escolheram, entre as três opções dadas, o tão criticado uniforme nazista. O episódio, na época, foi exclusivamente associado ao caçula, sem envolver, como esperado, o seu irmão. Se, desde pequeno, ele já era posto na condição de suplente, ele facilmente poderia também assumir a responsabilidade pela escolha da fantasia sozinho. Antes a imagem manchada do reserva, do que a do herdeiro.

Nas páginas finais da parte um do livro de memórias, Harry faz um dos relatos mais fortes da obra. A pedido pessoal, ele teve contato com arquivos policiais secretos a respeito do acidente que vitimou sua mãe. O envelope pardo entregue por Jamie Lowther-Pinkerton, na época, seu secretário particular, a quem se refere como JLP, continha fotos dos mais diferentes ângulos: fotos externas do túnel, fotos internas e, principalmente, fotos bem próximas da Mercedes em que Diana estava, na hora da batida. Diante das fotos do corpo de sua mãe, Harry identificou luzes em volta dela e, quando compreendeu o que eram, o sentimento de revolta o invadiu:

Eu jamais soube. Jamais sonhei. Tinham me dito que a mamãe fora perseguida por paparazzi, caçando como uma matilha de cães selvagens, mas nunca me atrevi a imaginar que, como cães selvagens, eles também tinham se banquetado com o seu corpo indefeso. Até então nunca soubera que a última coisa que a mamãe viu nesta terra foi uma lâmpada de flash (Harry, 2023, p.137).

Mesmo cientes da batida que a perseguição frenética de suas motos tinha ocasionado,

os paparazzis não pararam de fotografar. Mesmo frente a pessoas gravemente feridas, que precisavam de ajuda ou de conforto nos últimos minutos de sua vida, eles não recuaram. Esse era apenas mais um relato de Harry que permitia compreender suas ações, no futuro, contra a imprensa e, principalmente, em prol da segurança, da saúde mental e do bem-estar dele e de Meghan.

"Ferido, mas sem se curvar" é o segundo capítulo da autobiografia e contextualiza a década que Harry serviu às forças armadas. De 2004 a 2015, sua carreira militar inclui duas missões ao Afeganistão. Além de compartilhar experiências que vivenciou durante seus treinamentos e guerras, incluindo pessoas que conheceu, trabalhos de caridade e dificuldades que enfrentou, Harry também fez uma revelação importante sobre o período como soldado. Em sua obra, o príncipe afirmou, pela primeira vez, que carregava o peso pela morte de 25 rivais em serviço, fato que guiou relevantes discussões sobre o seu estado emocional pós-guerra. Integrantes de grupos extremistas, eles eram como peças de xadrez na visão de Harry.

Em meio ao nevoeiro e ao calor do combate, não via esses vinte e cinco como pessoas. Não dá para matar pessoas se as enxergamos como pessoas. Não dá para ferir pessoas se as enxergamos como pessoas. Eram peças de xadrez retiradas do tabuleiro. Maus eliminados antes que pudessem matar os bons (Harry, 2023, p.273).

Treinado para distanciar a imagem de seus inimigos da figura humana, o príncipe buscou justificar e amenizar a sua responsabilidade diante daquelas mortes. Entretanto, ele, que já estava acostumado a embarcar em viagens desafiadoras, tinha falhado na missão mais importante, naquele momento, para o seu "eu": a batalha contra sua própria mente. Após seu retorno da guerra, Harry enfrentou um estresse pós traumático. Além de ter que lidar com o luto pela perda de sua mãe, com as mortes que provocou, ele também foi o principal alvo dos inimigos do Reino Unido na guerra. Conseguir "a cabeça" do príncipe significaria uma afronta e concederia um poderio a quem atingisse esse objetivo. Além da terapia e da meditação, Harry revelou que o uso medicinal de psicodélicos também o ajudaram nesse processo de cura. "Eles não me permitiam apenas escapar da realidade por algum tempo, me permitiam redefinir a realidade" (Harry, 2023, p.318), afirmou. Entretanto, ele enfatizou que o remédio mais eficaz foi o trabalho, dedicar-se a ajudar o próximo, principalmente através do *Invictus* e de suas causas na África.

É nessa parte da obra, no entanto, que Harry expõe um desentendimento com William, evidenciando que a relação entre os irmãos era marcada por turbulências. Na

ocasião, os irmãos estavam entre amigos e o dilema girava em torno da possibilidade de Harry engajar-se ainda mais em seu trabalho humanitário na África, em paralelo com os projetos apoiados pelo primogênito. Ao ser questionado o motivo pelo qual os dois não poderiam trabalhar juntos no continente, William teve uma reação surpreendente.

Willy ficou apoplético, avançou de repente sobre quem ousou fazer essa sugestão. Porque rinocerontes, elefantes, essas coisas são minhas! Era muito óbvio. Para ele tinha menos importância encontrar seu propósito ou sua paixão do que vencer sua eterna competição contra mim (Harry, 2023, p.319).

A rivalidade, a qual foram expostos ainda crianças, mostrava resquícios na relação entre William e Harry ao longo de suas vidas, segundo o autor do livro de memórias. Quando estudavam no mesmo colégio, William pediu que o caçula fingisse que não o conhecia dentro da instituição. Anos depois, Harry também foi preterido por William, quando não soube previamente que o irmão iria se casar. Em relato, o príncipe também revelou que o herdeiro ficou ressentido com a viagem de Harry ao Polo Norte, ao lado de veteranos amputados das Forças Armadas Britânicas. "Sentira-se esnobado por não ter sido convidado" (Harry, 2023, p.319). Ver o reserva se destacando positivamente através de suas causas sociais lhe causava incômodo. Se antes William era visto como a referência a ser seguida por Harry de como se portar como membro da realeza, agora os dois caminhavam lado a lado. William instigava uma competição entre eles, mas essa hostilidade chegou ao ápice com uma agressão. Em relato, ele descreve que William foi até a sua casa e se referiu à Meghan como uma mulher difícil, rude e agressiva. O mesmo retrato de sua esposa que a imprensa britânica tentava assiduamente difundir. Ao rebatê-lo, diante das ofensas contra ela, Harry diz que foi surpreendido.

Ele pousou o copo de água. Me xingou de novo, depois veio para cima de mim. Aconteceu tudo muito rápido. Muito rápido. Ele me pegou pelo colarinho, arrancando minha corrente, e me derrubou no chão. Aterrissei em cima da tigela dos cachorros, que quebrou sob meu peso. Fiquei lá deitado por um momento, atordoado, depois me pus de pé e pedi a ele que fosse embora (Harry, 2023, p.319).

Assim como foi ponto de discussão entre os irmãos, seu relacionamento com Meghan também se tornou assunto mundial. A ele, Harry dedica o terceiro e último capítulo de sua autobiografia, "A Capitã da Minha Alma", que aborda o início do seu namoro com a atriz e os obstáculos que enfrentaram ao longo dos anos, que culminaram na saída de ambos da Família Real Britânica.

Um vídeo no Instagram, uma troca de *follow* nas redes sociais e uma mensagem de "olá", esse foi o início da relação entre príncipe Harry e Meghan Markle. Filha de uma mãe negra e um pai branco, Meghan se declara biracial. Divorciada, a atriz norte-americana era engajada nas causas sociais, assim como ele, e na luta pela igualdade de gênero, quando o conheceu. Desde o começo, Harry já se mostrava encantado com ela, mas foi durante uma viagem a Botswana, em 2017, que o príncipe diz ter tido a certeza de que poderia e queria ter um futuro com a atriz. Entretanto, o casal teve que enfrentar uma inimiga antiga de Harry: a imprensa. Em todos os seus relacionamentos amorosos, a mídia sempre tentou intervir através de matérias tendenciosas e um assédio constante às namoradas. Dessa vez, no entanto, as motivações por trás da perseguição ao novo relacionamento do príncipe carregavam um novo sentido.

Naquelas horas e dias iniciais de novembro de 2016, atingimos um novo fundo do poço a cada minuto. Fiquei chocado, e me censurei por ficar chocado. E por ser pego desprevenido Eu me prepara para a loucura de costume, difamações de sempre, mas não previra esse nível de mentiras desenfreadas. Acima de tudo, não me prepara para o racismo. Tanto o racismo disfarçado, quanto o racismo escancarado, vulgar e direto (Harry, 2023, p.370).

"A namorada de Harry é (quase) saída direto do gueto de Compton", "Se houver frutos de sua suposta união com o príncipe Harry, os Windsor terão engrossado o seu fino e aguado sangue azul e a palidez e cabelos ruivos dos Spencer com algum rico e exótico DNA", ou dizeres que questionavam se Harry estava apto a se casar legalmente eram apenas algumas das ofensas veladas à Meghan, que estamparam os tabloides britânicos. Charles também era divorciado, estava casado novamente e, hoje, é o rei da Inglaterra. Por que, somente quando se tratou de Meghan, a condição de divorciada virou um "defeito"?

Foram inúmeras as tentativas da imprensa de convencerem a todos que Meghan não se enquadrava no perfil, como se existisse um padrão a ser seguido pela as mulheres que entravam para a realeza. Além do silêncio da Coroa frente aos ataques à ela, Harry também permanecia longe das câmeras. Revoltado no privado, mas ausente para o público. Contudo, a publicação de um artigo do *Huffington Post* foi a certeza de que ele não poderia mais seguir as ordens da família calado.

Os cortesãos nos proibiram terminantemente. Não havia nada a ser feito, disseram. E, portanto, nada seria feito. Aceitei aquilo como definitivo. Até ler um artigo no Huffington Post. A jornalista afirmava que a reação branda aos britânicos a essa explosão de racismo seria de esperar, uma vez que eram os herdeiros de colonizadores racistas. Mas verdadeiramente imperdoável, acrescentou, era meu silêncio. O meu (Harry, 2023, p.373).

O pronunciamento de Harry foi suficiente para gerar uma tensão entre ele, Charles e William. De acordo com seu pai e seu irmão, o posicionamento público em defesa de Meghan manchava a imagem de ambos, uma vez que, mesmo frente às matérias negativas sobre Camila e Kate, suas respectivas esposas, os dois nunca tinham rebatido. Aos poucos, foi se tornando evidente para Harry que o seu relacionamento não desagradava somente a imprensa, mas também a sua família. A ausência de uma repressão pública à imprensa pelo que estava acontecendo com Meghan e a falta de apoio dos familiares frente ao pedido de casamento são apenas algumas situações que reforçavam a desaprovação.

Além da reprovação, Harry revelou em seu livro que havia indícios de que a Coroa contribuía, indiretamente, para os ataques à Meghan. Ao lado da Rainha Elizabeth, ela realizou sua primeira excursão real. O período que haviam passado juntas tinha sido muito agradável, mas a imprensa retratou com um "absoluto desastre". Acusada de transgredir protocolos reais, além da postura arrogante, Meghan foi alvo das críticas ferozes dos jornalistas britânicos. A entrada no carro antes da rainha, a ausência de chapéu na presença da monarca e o uso de uma cor diferente de verde, como era o protocolo real, na homenagem às vítimas de Grenfell Tower, foram as maiores censuras feitas pelos tabloides na época. Contudo, por trás do que havia sido pontuado pela mídia, havia a Coroa. A rainha foi quem pediu para Meghan entrar no carro antes dela. Quanto ao chapéu, o palácio havia orientado-a a não usá-lo. O uso do verde também não foi sugerido à Duquesa de Sussex. Normas que perduravam há anos na realeza e que eram previsíveis que fossem usadas contra Meghan, caso não fossem seguidas. Coincidência ou não, o palácio não retificou nenhuma informação publicada, reforçando a narrativa de que Meghan não se encaixava naquela realidade.

Segundo a autobiografia, as ofensas, o assédio da imprensa, a repressão dentro e fora do Palácio, somadas ao silêncio absoluto da Família Real Britânica, mesmo com os incansáveis pedidos de Harry para que algo fosse feito, fizeram Meghan chegar ao extremo. Em forte relato, o príncipe detalhou o diálogo que teve com sua mulher, que chorava sentada nas escadas de sua casa. Questionada sobre o que havia acontecido, ela afirmou que não sabia se queria mais viver.

Ela realmente queria saber. Que pecado havia cometido para merecer aquele tipo de tratamento? Ela só queria fazer a dor parar. Não somente para ela, para todos. Para mim, para a sua mãe. Mas não conseguia, por isso decidi desaparecer. Meg argumentou que, sem ela, toda a imprensa iria embora, e então eu não teria que viver daquela maneira. Nosso filho ainda por nascer nunca teria que viver assim. É tão óbvio, ela não parava de repetir, é tão óbvio. Simplesmente parar de respirar. Deixar

de existir. Isso existe porque eu existo (Harry, 2023, p.438).

Em busca de paz e segurança para a sua família, Harry e Meghan decidiram passar uma temporada em uma ilha, em Vancouver, no Canadá. Verde, tranquilo e aparentemente remoto, o local tinha sido a escolha perfeita diante de tantas turbulências. Durante as seis semanas que estiveram na região, Harry descreveu como um período em que se sentiram normais, uma vez que, além de se sentirem acolhidos pela comunidade, havia um respeito pelo espaço e pela privacidade do casal. Contudo, a calma tão atrativa e aconchegante chegara ao fim.

Até que um dia olhei para o meu celular: uma mensagem de texto da nossa equipe me alertando para longas e espalhafatosas matérias publicada no Sun e Daily Mail, com detalhadas fotos aéreas de Oxfordshire. Um helicóptero pairava sobre a propriedade, com um paparazzi pendurado na porta, apontando uma teleobjetivas para todas as janelas, incluindo as do nosso quarto. Assim terminou o sonho de Oxfordshire (Harry, 2023, p.437).

Diante da morte de sua mãe, além dos anos em que presenciou a assídua perseguição da imprensa à Diana, Harry temia pelo que poderia acontecer com a sua família. Para ele, o cenário estava se repetindo e tudo que ele poderia fazer para evitá-lo, ele faria. Assim, decidido a proteger Meghan e seu filho, Archie, Harry propôs um afastamento, para que sua família pudesse morar em um local mais recluso, porém mantendo suas obrigações reais. "Queríamos dizer que assumiríamos um papel reduzido, era um recuo, não uma renúncia." (Harry, 2023, p.469). O acordo, no entanto, não foi feito, e a Família Real decidiu que, se eles mantivessem a decisão de se afastarem, o desligamento seria completo, o que não incluía nenhuma função real, assim como aparato de segurança.

Eles estavam me exaurindo, eu já não me importava com a opção que adotaríamos, desde que a segurança permanecesse em vigor. Implorei pela manutenção do mesmo esquema de proteção policial armada que eu tinha e do qual precisava desde que nasci. Nunca fui autorizado a ir a lugar algum sem três guarda-costas armados, nem mesmo quando supostamente era o membro mais popular da família, e agora eu era alvo, junto com a minha esposa e filho, de um ódio sem precedente - e a principal proposta em discussão previa o abandono total? (Harry, 2023, p.438).

Além da segurança, após a decisão, Harry também sofreu um corte financeiro, por parte de Charles, e teve seus títulos militares e reais renegados pela realeza. Após o afastamento do casal da realeza britânica, Harry e Meghan se mudaram para a Califórnia com a família, onde eles não tinham que se "preocupar com o tempo, protocolos, jornalistas no

portão da frente."(Harry, 2023, p.494). Até os dias atuais, no entanto, a relação do príncipe com a família segue estremecida²⁰ e os incessantes ataques da imprensa ainda os perseguem.

Meu problema nunca foi com a monarquia, nem com o conceito de monarquia. Tem sido com a imprensa e a relação doentia que se desenvolveu entre a imprensa e o Palácio. Eu amo e sempre amarei minha pátria e minha família. Eu só queria que, no segundo momento mais sombrio da minha vida, que ambas tivessem estado comigo. E acredito que um dia elas olharão para trás e desejarão ter sido também (Harry, 2023, p.477).

Em um relato forte e dramático, o príncipe abre a sua intimidade para o leitor. Suas dificuldades, seus momentos de dor e sentimentos mais íntimos são expostos ao público. A Família Real Britânica, por sua vez, após o lançamento, manteve o silêncio frente às acusações graves de Harry, respeitando uma postura que perdura por décadas na Coroa. Na semana de estreia da obra, o livro registrou um alto número de vendas. Nos Estados Unidos, 630 mil cópias foram vendidas, desempenho inferior apenas ao livro de memórias do democrata e ex-presidente americano, Barack Obama. Enquanto isso, no Reino Unido, *O que sobra* foi o livro de não-ficção vendido mais rápido na história do país, com mais de 400 mil cópias vendidas em um dia, incluindo livro físico, e-book e audiolivro.

A popularidade de Harry, no entanto, ainda apresenta grandes nuances. Em seu país natal, os sucessivos episódios envolvendo a Família Real, isto é, a saída da monarquia, as entrevistas reveladoras e o lançamento de sua autobiografia, contribuíram para a queda de sua popularidade no Reino Unido. De acordo com a Ipsos Mori²¹, empresa líder global em pesquisa de mercado, apenas um quarto dos britânicos ainda têm uma visão positiva do príncipe. Em números, se, antes de se afastarem da realeza, o casal Harry e Meghan apresentava uma aceitação equivalente a 70%, o cenário posterior ao lançamento foi de declínio. Após a publicação da obra, apenas 23% dos britânicos que responderam a pesquisa afirmaram que tinham interesse na leitura da autobiografia, enquanto mais da metade demonstrou opiniões negativas. Nos Estados Unidos, de acordo com a pesquisa, tanto Harry, quanto Meghan, tiveram um índice de aprovação superior às desaprovações, evidenciando um panorama diferente, comparado ao Reino Unido.

²⁰ Durante a elaboração desse estudo, Harry retornou algumas vezes ao Reino Unido, incluindo uma visita ao seu pai, o rei Charles, após o anúncio do seu diagnóstico de câncer de próstata

²¹ A pesquisa foi publicada no dia 19 de janeiro de 2023. Disponível em: [prince-and-princess-wales-remain-among-most-popular-royals-both-britain-and-us-attitudes-towards](https://www.ipsos.com/pt-br/newsroom/prince-and-princess-wales-remain-among-most-popular-royals-both-britain-and-us-attitudes-towards). Acesso em: 07/06/2024

4. Considerações finais

Diante do exposto, o diálogo de Harry com o público, ao longo dos últimos anos, comprova muitos estudos feitos sobre as narrativas biográficas no processo de construção de imagem. Desde as entrevistas concedidas aos documentários protagonizados pelo príncipe, já se tornava perceptível a importância do espaço biográfico conceituado por Leonor Arfuch, uma vez que esses materiais se configuram como novas formas de narrar a vida e expor o íntimo. O interesse crescente pelas narrativas sobre a história de Harry, comprovado pelo recorde de vendas da autobiografia, assim como a audiência histórica da série documental sobre sua vida, também reforçam o que a socióloga argentina apontou como as causas para a gradativa vontade de saber sobre a vida do outro: a busca por identificação com os relatos e um consequente entendimento maior de si mesmo. Portanto, ao ter conhecimento dos bastidores da vida do príncipe, há uma busca, para além da mera curiosidade, de fatos que podem ser correlacionados à história de vida do leitor, permitindo uma ressignificação do "eu".

É nesse processo de reconstrução de imagem, que atingiu o seu ápice com o lançamento da autobiografia, que Harry faz uso de estratégias também estudadas por grandes pesquisadores da área da comunicação. A adoção desse gênero discursivo demonstra uma tentativa do príncipe de controlar as narrativas que circulavam na imprensa e que, portanto, exerciam influência sobre a sua reputação. A autobiografia de Harry não é um relato integral de sua vida, houve uma seleção do que seria apresentado na obra, comprovando os estudos de Bella Jozef e Pierre Bourdieu. Sendo assim, essa personalização do discurso imprime sentidos que serão responsáveis por reger a história, isto é, a partir do momento que uma série de fatos, inseridos em um contexto social e que, portanto, outras pessoas também os vivenciaram, são apresentados ao leitor, a seletividade da narração imprime um tom testemunhal aquele discurso.

A necessidade de agir em prol dessa mudança de imagem, mostrando suas razões que motivaram a sua saída da Coroa, também se torna compreensível por meio dos estudos sobre o ethos no discurso e a mídia. A intensa e parcial cobertura da imprensa, produto da indústria cultural, a respeito da vida de Harry promoveu uma imagem negativa do príncipe ao longo dos

anos. A esse fenômeno, Dominique Maingueneau, atribuiu o nome de ethos pré-discursivo. Dessa forma, antes de terem acesso ao livro de memórias, a percepção do público já era moldada pela mídia, fomentando uma percepção negativa de Harry aos olhos do público. Seu relacionamento com Meghan Markle e a saída do casal da realeza britânica contribuíram ainda mais para um cenário desfavorável a eles. Dessa forma, é curioso identificar também que o príncipe narra, em sua autobiografia, muitos fatos que foram veiculados pela imprensa, evidenciando uma preocupação de mostrar aquilo que não foi contado de cada um desses episódios, reforçando a ideia de que a obra vem para produzir um novo ethos, uma nova imagem do autor do discurso.

Além da escolha da autobiografia como meio de comunicação principal com o público, se tornou relevante, nessa pesquisa, analisar o tom terapêutico que Harry empregou no seu livro. A maior parte da obra retrata momentos de dificuldade e sofrimento que fizeram parte de sua jornada. A narração do processo de luto pela morte de Diana, o uso de drogas como forma de escape, a dificuldade de chorar pela perda expressam o período sombrio que Harry vivenciou durante a infância e juventude, fazendo o leitor criar uma grande empatia por ele. Na segunda parte do livro, que retrata o período que serviu ao exército, novamente o leitor é imerso em um cenário de tensão que, para além da conjuntura de guerra, também é explorada a questão da saúde mental e como ela foi um grande desafio para Harry. Por fim, o príncipe narra todos os obstáculos que ele e Meghan enfrentaram e os motivos por trás da decisão de se afastarem da monarquia. Portanto, *O que sobra* tem como principal enfoque os infortúnios que marcaram a vida do príncipe, afastando a utopia criada sobre os privilégios da vida na realeza.

Diante dessa abordagem escolhida por Harry, o ponto final de discussão desta pesquisa concentra-se no objetivo que motivou essa escolha. Com base nos estudos de Igor Sacramento, Douglas Ramos e Eva Illouz, é possível compreender que a exposição das fraquezas e dificuldades imprimem um caráter de resistência ao autor. A autobiografia, como visto, faz uma cobertura extensa de momentos de fragilidade na vida de Harry, no entanto, ao final da obra, a saída da realeza e a vida tranquila e reservada com a família demonstram um alívio por parte dele e, principalmente, se expressam como atos de superação. Esse retrato de vida, explorado por Illouz, cujo foco inicial são os traumas e sofrimentos, para posterior superação do personagem, vem para caracterizar o discurso terapêutico presente nas narrativas

de vida contemporâneas, assim como encontrado no livro de memórias do príncipe.

É importante ressaltar, no entanto, que essa pesquisa apresenta limitações. Apesar da tentativa de reconstrução de sua imagem, não é possível dizer que a estratégia adotada por Harry foi 100% eficaz. Como observado, a popularidade do príncipe no Reino Unido, país de origem, sofreu uma drástica queda desde sua saída da Família Real, cenário que foi agravado pelo lançamento de sua autobiografia. Já nos Estados Unidos, país natal de Meghan, o índice de aceitação foi positivo, demonstrando uma boa receptividade com o livro e o casal. Dessa forma, seria importante entender os motivos pelos quais essa tentativa de Harry de reconstrução de imagem não obteve o mesmo sucesso no Reino Unido, compreendendo se houve motivos para além do forte apoio à monarquia, e acompanhar, a longo prazo, uma possível reaproximação do príncipe com a realeza britânica e o seu impacto na popularidade de Harry no país são sugestões para futuros estudos.

O que sobra é a extensão da mente de Harry, é a sua tentativa mais firme de mostrar ao público que ele e Meghan não eram os vilões daquela história, mas, sim, vítimas da imprensa e do sistema que imperava na Família Real. A autobiografia revela um novo cenário, uma inversão de papéis. O reserva agora era o protagonista, o rebelde agora era um homem de família, disposto a proteger os seus a qualquer preço e, mais do que nunca, o reserva agora era dono da própria história.

5. Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018.
- ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010
- BOURDIEU, Pierre. *Ilusão Biográfica*, 1986
- DARIN, L. C. de M. (2015). **Conexões pouco exploradas entre escrita autobiográfica e tradução**. *Tradterm*, 24, 65-82.
- HARRY, duque de Sussex. *O Que Sobra*. Trad. Cássio Arantes Leite. 1º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2023
- ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011
- JOSEF, Bella. *(Auto)Biografia: os territórios da memória e da história*. Org. Flávio Aguiar, José Carlos Meihy, Sandra Vasconcelos. Gêneros de fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997. São Paulo: Xamã, 1997
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. (Org.). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11 – 29.**
- MATOS, Olgária C. F. *A escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.
- PIMENTEL, Márcia Cristina. *A Construção da Celebridade Midiática*. *Contemporânea*, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 193-203, nov. 2015.
- SACRAMENTO, Igor; RAMOS, Douglas. *Documentando a superação: Demi Lovato: Stay Strong e o discurso terapêutico contemporâneo*. *Verso e Reverso*, Florianópolis, v. 32, n. 79, p. 59, 2018.
- SACRAMENTO, IGOR. (2018). *O trauma na televisão:: ethos testemunhal e discurso terapêutico num talk-show*. *Revista ALCEU*, 18(36), 5–20.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016.